



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação

Danielle Silva dos Santos

A Brincadeira e sua importância na Educação Infantil

São Gonçalo
2009

Danielle Silva dos Santos

A Brincadeira e sua importância na Educação Infantil

Monografia apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga, ao Departamento de Educação, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Tânia Marta Costa Nhary

São Gonçalo
2009

Danielle Silva dos Santos

A Brincadeira e sua importância na Educação Infantil

Monografia apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga, ao Departamento de Educação, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em _____

Banca Examinadora:

Prof^ª. Tânia Marta Costa Nhary
Orientadora

Departamento de Educação da FFP / UERJ

Prof^º. Dr^º. Domingos Barros Nobre

Departamento de Educação da FFP / UERJ

São Gonçalo

2009

1. Psicologia da aprendizagem. 2. Ensino-Aprendizagem. 3. Brincadeiras. I. Nhary, Tânia Marta Costa. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação.

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

CDU 159.122.7

S237

Santos, Danielle Silva dos.

A Brincadeira e sua importância na educação infantil / Danielle Silva dos Santos. – 2009.

97 f.

Orientadora : Tânia Marta Costa Nhary.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

AGRADECIMENTOS

Fico engrandecida primeiramente ao meu Pai, meu Senhor,
meu Deus, que sempre está comigo em todos os meus momentos,
em toda minha caminhada.

Aos meus pais que sempre lutaram pelos meus estudos juntamente com minha família,
dando força e apoio em minha estrada.

A todos os professores da UERJ/FFP que contribuíram para minha formação, em especial,
minha orientadora, Tânia Nhary, que esteve comigo a todo instante na construção de minha
pesquisa monográfica.

Aos professores, diretoras, orientadoras e a todas componentes do espaço escolar de minha
pesquisa de campo no Centro de Educação Infantil de Maricá Professora Ondina de Oliveira
Coelho.

BRINCADEIRA DE
CRIANÇA
COMO É BOM, COMO É BOM,
GUARDO AINDA NA
LEMBRANÇA.

LUIZ, Décio; BASTOS, Wagner.

RESUMO

Neste presente trabalho monográfico dialogo, reflito, analiso e estudo a relevância da brincadeira no desenvolvimento da fase inicial da criança. Uma brincadeira não somente com caráter recreativo, de diversão, mas sim, com intuito educativo, isto é, possibilitando no espaço escolar, mecanismos de aprendizagens. Dessa forma, tem-se o intuito de contribuição a uma reflexão sobre a importância do ato de brincar, fazendo com que esta atividade educativa seja (re)pensada, e refletida por profissionais que atuam na educação infantil. Perpassando as áreas de ciências humanas, tomando como norteadora a área pedagógica que lida diariamente com o corpo infantil, de zero a seis anos de idade. Apontando a brincadeira dirigida como um condutor de ensino-aprendizagem, sem perder seu caráter essencial, ou seja, sem perder o prazer de realizar tal atividade. Traz-se, dessa maneira, de uma discussão para o fato de como é crucial o papel do professor(a) nas atividades propostas, sendo os mesmos mediadores ativos de todo esse processo escolar. Este trabalho monográfico foi realizado através de uma pesquisa qualitativa com base empírica etnográfica, onde meu trabalho de campo foi concretizado numa escola municipal no município de Maricá, tendo como suporte alguns documentos essenciais em minha pesquisa, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil e os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e o ideário sobre o brincar e seus desdobramentos nos estudos da Kishimoto (2002), Brougère (1998),Friedman (1996),Kramer (2002), dentre outros.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Espaço escolar. Lúdico. Infância. Brincadeira.

Sumário

INTRODUÇÃO	07
1. O BRINCAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL: QUE ESPAÇO É ESTE?	14
1.1 O brincar na educação infantil	19
2. A IMPORTÂNCIA DO ATO DE BRINCAR	35
2.1 A dificuldade de o professor frente o brincar intencional	40
3. MAPEANDO ALGUNS CAMINHOS DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL, APRESENTANDO UM LUGAR: HISTÓRIA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE MARICÁ PROFESSORA ONDINA DE OLIVEIRA COELHO	48
3.1 Embates em busca de novos meios/recursos escolares para o brincar	50
3.1.1 <u>Registrando a utilização de um espaço escolar</u>	53
3.1.1.1 Diálogo sobre as práticas	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78
ANEXO A: Questões das entrevistas	81
ANEXO B: Entrevistas	82

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetivou abordar a questão do brincar na educação infantil procurando investigar como são utilizados os brinquedos no espaço escolar e qual a importância do ato de brincar neste período da infância. Partiu-se, para isso, das seguintes questões: O brincar é, somente, um momento de diversão? É permitida alguma situação de aprendizagem através deste processo? A brincadeira, por muito tempo, esteve focada somente no campo da recreação, como jogo livre e espontâneo, e atualmente, como se compreende a importância do jogo no processo educacional?

A brincadeira no segmento de ensino da educação infantil, na atualidade, parece estar presente com um intuito educativo, isto não quer dizer que no jogo livre não haja aprendizagem, pois esta pode ocorrer de forma implícita no próprio ato de jogar. Mas acredito que o papel do professor seja o de tornar esta aprendizagem implícita em uma dimensão educativa explícita, ou seja, orientar seus alunos no processo ensino-aprendizagem direcionando um objetivo específico a uma dada atividade lúdica. Percebe-se que inúmeras vezes o ‘fazer pedagógico’ não permite o livre brincar, mas, sim, utiliza a brincadeira como metodologia de aula com objetivos específicos de um conteúdo do programa. Mas, como fazer isso de forma a não tornar a brincadeira imposta? Como não transformá-la em mais uma tarefa imposta no cotidiano escolar? É possível educar pelo brincar?

O ato de brincar, ainda hoje, está muito marcado pela dicotomia brincadeira como forma de recreação ou como tarefa, como intuito pedagógico, como se refere *BROUGÈRE*, mestre de conferências e diretor do departamento de Ciências da Educação da Universidade de Paris-Norte, que desenvolve trabalhos de orientações acadêmicas e pesquisa no Brasil:

(...) nota-se bem a diferença entre um sistema que coloca o jogo, considerando educativo enquanto tal, no centro da atividade das crianças e aquele que funciona sobre a dicotomia entre educação e recreação, esta última compensatória, desinvestido de valor educativo. (2003, p.111).

Propus-me, então, pesquisar sobre o tema brincadeira no espaço escolar tentando apreender de que forma ela é tratada no processo ensino-aprendizagem. Esta inquietação acompanha-me desde a infância, pois não havia tempo e espaço para brincar, a não ser como forma de recreação,

naquele tempo, limitada e sem mediação do professor. Assim, fui me encantando sempre mais sobre este assunto, sobretudo depois de ingressar no curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro- FFP/UERJ, com debates em sala de aula nas disciplinas que cursei enfocando neste tema.

É de suma importância relatar neste trabalho como foi difícil escolher o local da minha pesquisa de campo e de como isso me acarretou diversas dúvidas. A cada situação nova de impossibilidade de acesso às escolas, da falta de professores e diretores que permitissem a pesquisa, eu precisava mudar o local da pesquisa de campo. Desejava fazer na minha cidade, Maricá, no município do Rio de Janeiro, local onde nasci e moro atualmente, já que a partir deste contexto partiram meus questionamentos. Um deles foi quando pequena e farei a seguir um breve relato.

O colégio em que eu estudava era muito rígido e só podíamos brincar em hora determinada ou na disciplina de educação física. Na hora do recreio, nem pensar! Não me recordo de brincadeiras em sala de aula com algum intuito educativo, mas acredito que não elas não aconteciam devido às conversas que tenho com meus pais, os quais sempre me acompanharam na vida escolar e não se lembram de minha participação em atividades lúdicas na escola. Acho que não se trata de um ‘apagamento’ da memória de ambos, mas da ausência de tais atividades, ou, quando muito, eram tão inexpressivas que não marcaram a minha infância, nem para mim, nem para eles. No entanto, vivi algumas situações em minha vida escolar que cabem, aqui, registrar. Na primeira escola em que cursei a educação infantil existia uma casa de boneca enorme para brincar. Lá tínhamos algum momento para a brincadeira, no entanto, na outra instituição esta brincadeira era “roubada” (Marcellino¹, 2005). Segundo este autor, “(...) vem se verificando, de modo crescente, o furto da possibilidade da vivência do lúdico na infância, ou pela negação temporal e espacial do jogo, do brinquedo (...)”. (2005, p.54 – 55).

¹ Segundo este autor: O lúdico nos é negado, independentemente da classe social, com ênfase em uma finalidade: a preparação de um futuro melhor. Não é pensado o hoje da criança e sim o amanhã, no que ela se formará.

O lúdico nos é negado, independentemente da classe social, com ênfase em uma finalidade: a preparação de um futuro melhor. Não é pensado no hoje da criança e sim no amanhã, no que ela será em que ela se formará profissionalmente, como uma espécie de delineamento de destino, de percurso a ser vivido. Kramer (2003), pautada no pensamento de Walter Benjamin, alerta que o tempo da experiência humana é o entrecruzamento de passado-presente-futuro e que a pedagogia atual nega o ontem (a história da própria criança) e foca o futuro. Nas palavras da autora, “(...) se nunca se interrogar sobre a questão do tempo, e sem pensar a prática educativa do ponto de vista da história, a pedagogia trata supostamente de transmitir o passado com vistas a ‘preparar’ para o futuro” (KRAMER, 2003,p.50).

Assim, entendo que posso compreender melhor a relação brincadeira - educação pensando na minha própria história, por isso relato aqui um exemplo de brincadeira “roubada” que me marcou muito. Foi um episódio que se passou com meu irmão; sempre muito travesso, ele tinha seus escapes para a brincadeira, e, em uma delas, brincando de latinha de refrigerante como se fosse bola, foi jogado no canteiro das plantações do colégio por um garoto mais velho que jogava com ele. No meio da confusão a direção foi chamada para tomar conhecimento do acontecimento e nem ouviu o meu irmão, culpando-o e colocando-o de castigo até que meus pais o buscassem. Meu irmão ficou muito magoado, pois, como estavam brincando de forma ‘roubada’, ninguém assumiu a participação no incidente, nem mesmo testemunharam a favor dele. Isto mostra o quanto o brincar pode ser relegado à segundo plano, se tornando algo “nocivo” e proibitivo.

Na escola em que cursei o Ensino Fundamental não tive muito a presença da brincadeira. Da recreação, apenas alguns momentos, de uma brincadeira dirigida por um professor, não me recordo de nenhuma. Mas, na minha infância a brincadeira esteve sempre presente em espaços não-escolares. Elas costumavam ser de rua ou de escolinha em casa, de boneca e de casinha. Assim, minha história de criança brincante me remete a diferentes situações de brincadeiras fora da escola. Brincava muito sozinha, não tinha muitas meninas em minha vizinhança, quando brincava na rua eram com meus primos e os garotos que lá moravam. Brincadeiras do tipo de pique-cola, pique-esconde, alto e baixo, queimado, futebol e bandeirinha. Lembranças fortes, ainda hoje. Ao brincar de “casinha”, às vezes com meus primos e meu irmão, eles me irritavam quando queriam tirar as roupas de minhas bonecas. Eu demorava horas e horas para montar a casa, inventava de tudo, se não havia sofá, a caixa de fósforos desempenhava essa função. A

imaginação fluía e tinha que estar tudo perfeito, todos os cômodos, quarto, cozinha, banheiro, marido, filhos e tudo mais. E, para fazer a comidinha, a criatividade ia longe.

Normalmente eu pegava mato, uma florzinha roxinha que eu amassava. Quando pegava feijão e molhava e não jogava fora, ficava com um cheiro horrível! Era sempre muito empolgante ao inventar as coisas, pegar alguns objetos e transformá-los em outros. Esta re-significação dos objetos do brincar é muito relevante, levando-as a (re)pensar sobre os respectivos objetos e para que servem e além disso fazendo com que a imaginação fluísse livremente no ato de brincar como possibilidade de construção do conhecimento da criança.

Outro espaço que a brincadeira esteve muito presente na minha infância era na Igreja Metodista que minhas tias freqüentam. Lá existiam momentos para brincar, que se chamava *'Tarde Alegre'* e, além disso, tinham algumas atividades com certas finalidades, como por exemplo, histórias que passavam mensagens bíblicas.

Até hoje vivencio a brincadeira, sou uma eterna criança, brinco com meus primos menores e vou ao parque de diversão. Com isso, a brincadeira nunca deixou de estar presente em minha vida e todos esses momentos vividos me motivaram a questionar, a pesquisar sobre sua importância na educação infantil, porque entendo que é nesta fase que temos mais contato com a brincadeira, por ser esta uma fase reveladora da essência da infância. Hoje eu ainda tenho este contato com o mundo do brincar, mas muitos não têm. Então comecei a indagar o porquê de não resgatar a brincadeira como forma de aprendizagem, de trazê-la para uma nova reflexão? De apontar a contribuição destas atividades no processo ensino-aprendizagem, desde que o professor reconheça sua importância, a considere prática pedagógica e seja um mediador delas?

Como a vida sempre nos prepara algumas surpresas, ao cursar a disciplina Estágio Supervisionado II, do Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na Escola Municipal Zulmira Mathias Netto Ribeiro, pude observar uma turma de Educação Infantil, segmento de ensino que me é tão querido! Encantei-me com o trabalho que os professores tinham com esta fase educacional. Fiquei rememorando a minha própria história de infância, lembrando de situações tão parecidas e ao mesmo tempo tão diferentes daquelas as quais observava. Na referida escola há todo um cuidado especial com os pequenos.

Os professores, por exemplo, utiliza músicas como recurso para aprender e memorizar os nomes das crianças, mas o fazem de um jeito totalmente diferente, ao menos em minha pouca experiência, nunca havia visto ou vivido esta situação. Os professores entendem a ludicidade como parte do processo educativo.

A partir destas observações, cheguei a pensar em fazer a pesquisa desta monografia na Educação Infantil de alguma escola de São Gonçalo, município onde está situada a instituição em que fiz o estágio obrigatório do curso de Pedagogia, porém, minha própria história de vida falou mais alto. Foi difícil separar, segundo Nóvoa (1995), o “eu pessoal” do “eu profissional”. Procurei outros colégios e decidi por fazer minha pesquisa numa escola em minha cidade. Com um olhar mais apurado dado pela formação acadêmica que recebi, pude compreender como é vista a brincadeira na escola. Fiz, então, a escolha pelo Centro de Educação Infantil Professora Ondina de Oliveira Coelho, em Maricá. Priorizei em minha escolha duas coisas: que o colégio fosse municipal, já que ele é o responsável de oferecer turmas de Educação Infantil e, também, que fosse uma instituição somente para este nível escolar, pois, assim, acredito que seja maior a dedicação e o oferecimento de atividades lúdicas aos alunos. Inconscientemente acredito que já havia feito essa escolha, pois, desde o início da pesquisa, essa escola era o local onde gostaria, de fato, observar a relação brincadeira e educação infantil, pois foram os colégios deste município que iniciaram meus questionamentos e que fazem parte de minha história de vida.

Neste contexto, tenho me perguntado: Quais os sentidos da brincadeira na escola? Qual a importância do brincar na educação infantil? Qual é o papel do professor nas brincadeiras? Que tipos de brincadeiras são desenvolvidos no espaço escolar? Há uma intencionalidade pedagógica? Como a brincadeira é discutida no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)? Movida por tantos questionamentos objetivei pesquisar a relação do (des)conhecimento do professor sobre a temática brincadeira apreendendo a intencionalidade do brincar na perspectiva do educador de Educação Infantil. Dessa forma, esta pesquisa objetiva identificar os aspectos positivos e negativos da brincadeira dirigida.

Ao decidir que gostaria de ter como campo desta pesquisa uma das escolas do município de Maricá, iniciei uma busca incessante por uma instituição que possuísse esta modalidade de

ensino. Descobri, então, que há poucas instituições que oferecem Educação Infantil e, ainda assim, aquelas que tinham, ofereciam apenas uma turma pela manhã e outra pela tarde.

Um município com uma população² de 105.294 habitantes e com uma área da unidade territorial de 362 km³ necessitaria ter, a meu ver, mais escolas que atendessem a este nível educacional. Percebi que alguns colégios só foram abrir turmas de educação infantil a partir da manifestação popular de um determinado grupo de moradores de um bairro, também carente deste oferecimento público de ensino. No município só há dois colégios inteiramente de educação infantil. Um é o Centro de Educação Infantil Municipal - CEIM-. Professora Ondina de Oliveira Coelho, local desta pesquisa, e o outro o C.E.I.M. Recanto da Amizade. Numa média de trinta e cinco escolas municipais, no ano de 2008, a prefeitura estava atendendo este nível de ensino somente em vinte e sete instituições. Um número razoável, se não fosse pela pouca quantidade de turmas em cada instituição. Assim, vejo minha cidade com um olhar crítico, analisando e refletindo sobre como acontece o trabalho na Educação Infantil. Na busca de resposta para meus questionamentos, sobretudo acerca das brincadeiras dirigidas neste segmento de ensino, lancei-me nesta pesquisa com muito entusiasmo.

Com esta temática, a Importância da Brincadeira na Educação Infantil, procuro ampliar minhas reflexões compartilhando com diferentes educadores o tema Brincadeira na Educação Infantil. Dialogando com Tisuko Morchida Kishimoto, Gilles Brougère, Adriana Friedman, Sonia Kramer, dentre outros. Acredito que esta pesquisa possibilita uma maior reflexão e valoriza o espaço do brincar, sobretudo com a mediação do professor, enfocando a relevância da brincadeira como uma proposta pedagógica sem que a mesma se torne uma metodologia de aula com intencionalidade explícita ou imposta, pois o brincar só vale ao brincante pelo movimento que ele gera e que só pode ser desejado e prazeroso.

Esta pesquisa é qualitativa e com abordagem empírica etnográfica, como afirma Bogdan e Biklen (op. cit. Lüdke e André, 2005), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto da pesquisadora com a situação estudada, enfatizando mais o processo do que o resultado e procurando retratar as perspectiva dos participantes.

² Dados estatísticos disponíveis em: <<http://www.marica.rj.gov.br>> acesso em agosto de 2008.

³ Dados estatísticos disponíveis na Prefeitura em agosto de 2008.

Contou-se, assim, com uma observação participativa, um registro no caderno de campo e com três entrevistas semi-estruturadas no CEIM-. Professora Ondina Coelho, localizado em Maricá. Dessa maneira, pude vivenciar / experimentar / observar / analisar como é a (re)(não)ação dos professores com o corpo discente na Educação Infantil, procurando entender a relação e a importância da brincadeira neste espaço escolar.

Dessa forma, este trabalho apresenta no Capítulo I um breve histórico do período em que o estado se voltou para este nível escolar, Educação Infantil, havendo só então, o seu “reconhecimento”, pois essa etapa era vista apenas numa perspectiva assistencialista. Ressalto também, para meu diálogo com os leitores, o paradoxo entre educar e cuidar e o que está vigorando neste momento com as mesmas. Mostro ainda questões referentes à função deste nível educacional e como deveria ser a formação do profissional de Educação Infantil. Em suma, trago esses pareceres para compreendermos o processo histórico social da Educação Infantil e, assim, indagar sobre a importância acerca da brincadeira dirigida como condutora de aprendizagens, trazendo sua relevância no processo de ensino-aprendizagem de cada criança.

No Capítulo II, venho discutir com mais clareza a relevância do brincar na primeira fase inicial da criança trazendo a vertente da aprendizagem e buscando ressaltar que a brincadeira pode ser muito mais do que um ato recreativo: ser um meio de ensino – aprendizagem no foco a priori da brincadeira dirigida. Outra questão que proponho para discussão e reflexão com meus leitores é sobre o papel do professor e da importância de sua (re)ação ativa nos espaços escolares e do re(conhecimento) da relevância da brincadeira; além disso, é necessário que haja uma prática constante de significados para o aluno, professor e todo corpo escolar.

Por fim, no Capítulo III, faço referência ao meu trabalho / estudo / análise / reflexão de campo no Centro de Educação Infantil de Maricá Professora Ondina de Oliveira Coelho. Relato um pouco de sua história e das dificuldades encontradas em seu corpo escolar; reflito sobre quais as mudanças colaborativas e significativas no campo escolar que esta instituição necessita, e volta-se sobre sua filosofia e metodologia de trabalho com as crianças deste nível educacional.

A partir disso, podemos repensar as práticas educativas das educadoras fazendo com que a brincadeira seja inclusa no processo de ensino-aprendizagem com caráter verdadeiramente educativo.

1. O BRINCAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL: QUE ESPAÇO É ESTE?

Esta pesquisa está focada no brincar na Educação Infantil, e a partir disso nos indagamos sobre alguns questionamentos como que espaço é este? A que faixa etária atende este segmento de ensino? Como a infância é retratada nestas séries iniciais? Qual a formação dos profissionais dessa área? Qual o órgão legal responsável por este nível de escolarização? Ao encontrar-me com estas dúvidas propus neste capítulo minimizá-las, ciente da abrangência e das polêmicas do tema em questão, assim como das limitações de um trabalho monográfico.

A Educação Infantil refere-se às crianças numa faixa etária de zero a seis anos em instituições como creches, pré-escolas e entidades equivalentes. Num panorama histórico, no Brasil este nível escolar só veio a ter reconhecimento na Constituição de 1988, com a responsabilidade do Estado e da Família. A Educação Infantil, por muito tempo, ficou marcada como lugar de dar assistência aos que não têm condições, tinha-se uma visão apenas assistencialista, com um sentido de cuidar, de amparar as crianças de classe baixa. Este espaço, porém, sofreu algumas mudanças. O reconhecimento da importância da Educação Infantil como tal se deu em 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), onde se consta que a mesma faz parte da primeira etapa (Seção II, Art.29⁴) de Educação Básica, e tem um valor não somente de cuidar, mas sim, de educar. Esta educação, atualmente, é de responsabilidade do município, como aponta a LDB, no art11, inciso V⁵. Mas, com todas estas mudanças, ainda nos deparamos com seguinte interrogação: Para que serve educação infantil? Muitos consideram um local para deixarem seus filhos, sobrinhos, afilhados, o que faz com que nos voltemos à idéia anteriormente citada, como uma instituição para cuidar, tomar conta dos menores. Porém percebemos que dentro da legislação este nível educacional já é uma instituição de ensino, pois além de todo o cuidado, tem-se a preocupação de se dar alguns subsídios a esta faixa etária nos

⁴ A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social complementando a ação da família e da comunidade.

⁵ Inciso V- oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino(...).

aspectos educativos e formativos da infância. No entanto, esta antiga concepção é vista, ainda hoje, recorrente em diferentes práticas, levando alguns professores a se sentirem desvalorizados como educadores e desprestigiados profissionalmente. Eles acreditam que por terem estudado muito, terem lutado para se formarem, que sua profissão não deve ser tão menosprezada, sendo substitutos de mães de família, cuidados que passam de geração a geração, como o médico pediatra, psicólogo, nutricionista e outros profissionais. Os profissionais de educação infantil devem ser considerados, acima de tudo, como educadores.

Com a vigência da lei, a velha concepção de apenas cuidar diminuiu bastante, mas como Kramer, doutora em educação pela PUC-RIO e coordenadora do curso de pós-graduação lato sensu em educação infantil, relata:

Esse reconhecimento da educação infantil não se dá de forma linear e homogênea. Algumas falas revelam que esse avanço é mais reconhecido no meio acadêmico. Entre os profissionais da área, há ainda uma certa dificuldade de alguns pais perceberem a importância da educação infantil. (2002, p.56).

Esta informação nos leva ao seguinte indagação: O que é educação infantil e qual a sua importância? Percorrendo os escritos da lei, entende-se que “considerando a fase transitória pela qual passam creches e pré-escolas na busca por uma ação integrada que incorpore às atividades educativas, os cuidados essenciais das crianças e suas brincadeiras (...)”. (Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil - RCNEI, 1996, s/ p.), logo, percebe-se que ainda não há um consenso do que sejam, de fato, as atribuições educacionais deste nível de ensino. Essas dúvidas ainda passam por um grande número de pais e até mesmo de professores (muitos dos quais nem podem ser considerados docentes, pois não têm, de fato, formação para tal).

Hoje, realmente, há uma maior preocupação com a criança, havendo esta necessidade de incorporar o cuidar ao educar, objetivando o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, físico-motoras, emocionais, lingüísticas e morais. Este nível educacional é muito mais do que um simples espaço para as crianças ficarem enquanto os pais trabalham. O seu reconhecimento, enquanto espaço escolar, não é mais o de um espaço preparatório para entrar num sistema escolar. Ele já faz parte do próprio sistema educacional. A criança já está incorporada num espaço escolar, tendo que seguir algumas normas, como a hora do lanche, do recreio, das atividades, etc. Ela já estará se adaptando a vida social, se relacionando com o outro, dividindo

objetos, espaço, atenção e afetos. Sua casa é um outro espaço, outra organização e com isso, a criança vai incorporando os diferentes espaços e (re)conhecendo o mundo a sua volta.

Como espaço educativo, a Educação Infantil vai promovendo diferentes aprendizagens e conteúdos específicos. Cada escola determina seu projeto pedagógico reconhecendo o que é essencial para a criança na vida escolar. A criança terá oportunidade de ser estimulada a falar, se comunicar por gestos, brincar, participar de atividades, cumprirem com rotinas de alimentação e higiene, aprimorar suas capacidades físico-motoras, emocionais, afetivas, cognitivas, sociais, dentre outras. De acordo com os RCNEI:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (...). (BRASIL, 1998, p.23).

Assim, as respectivas instituições de ensino tendem a trabalhar fazendo a junção do educar e do cuidar, contribuindo na formação de cada indivíduo, fazendo valer o (re)conhecimento da Educação Infantil, tendo a lei e suas orientações, assim como objetivos específicos, para determinar a inclusão de crianças de zero a seis anos no sistema básico de educação, afirmando o direito da criança à escola. No entanto, cabe ressaltar que esta etapa, ainda que não seja obrigatória dentro do sistema legal, é um direito, como nos aponta a lei Diretrizes e Bases da Educação⁶.

Embora a Educação Infantil não seja etapa obrigatória e sim direito da criança, opção da família e dever do Estado, o número de matrícula vem aumentando gradativamente. De acordo com o Censo Escolar, a média anual de crescimento no período de 2001 a 2003 foi de 6,4% na creche e de 3,5% na pré-escola. (BRASIL, 2006, p.5-6).

Ainda não se tem, de fato, o oferecimento satisfatório de espaços para que isto aconteça, pois o número de instituições existentes é bem reduzido e não atende a grande maioria das crianças brasileiras nesta faixa etária. Mas, somente pela mudança de estrutura e concepção do

⁶ Título III, Art 6- É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos seis anos de idade, no ensino fundamental.

que seja educação infantil, já podemos considerar que houve uma grande mudança quantitativa e um avanço qualitativo.

Não é minha intenção neste trabalho analisar quantitativamente este segmento de ensino nem mesmo se ele existe meramente por determinação legislativa ou por iniciativa de pais que necessitem de um local para deixarem seus filhos. Mas, o que percebemos é que atualmente já há marcas significativas em relação a isso, pois existe um maior movimento dos pais para matricularem seus filhos neste nível educacional; dessa forma, podemos considerar que há um reconhecimento (embora ainda um pouco velado) de sua importância no panorama educacional. O contato e a presença maior dos pais com as escolas, o (re)conhecimento da importância na formação da criança desde pequena, embora ainda de forma informal, nos faz perceber a sua relevância educacional. O “procedimento inicial” já foi feito, ou seja, a Educação Infantil já está inserida na educação básica. Agora, o movimento é o de difundir e esclarecer que espaço é este. Não basta ficarmos somente na teoria, não bastam os dispositivos legais, falta à preparação e a atuação de profissionais conscientes de seu papel neste segmento de ensino. Então, se estamos mesmo voltados para a preocupação da formação do ser desde a primeira infância, é necessário que haja um movimento de difusão deste espaço, pois nem todos têm acesso a estas informações e documentos, daí, mais um motivo de existir maior propagação do que seja este nível educacional. Como já foi exposto nesta monografia, este nível ficou por muito tempo atrelado a um sistema assistencial, e precisamos desmistificar isto, promovendo processos e movimentos que realmente levem ao (re)conhecimento da Educação Infantil.

Há, ainda, muitas contradições nesta dicotomia do cuidar e do educar, mas dentro do sistema legal:

“Modificar essa concepção de educação assistencialista significa atentar para várias questões que vão muito além dos aspectos legais. A elaboração de propostas educacionais veicula necessariamente concepções sobre criança, educar, cuidar e aprendizagem, cujos fundamentos devem ser considerados de maneira explícita”. (BRASIL, 1998, p. 19).

Diante disso, notamos que há um processo educacional na formação da criança, um conjunto de fatores em prol do seu desenvolvimento. Um outro ponto importante é não nos

limitarmos somente a teoria, mas colocarmos em prática essas questões que envolvem o trabalho com a criança, como a nova concepção de infância incorporada na sociedade atualmente.

Por muito tempo, não se tinha uma concepção de criança, de infância. Isto veio mudar a partir do século XIX, surgindo uma maior diferenciação entre a fase da infância e do adulto, propondo-se cuidados, atenção e maiores preocupações fase infantil. Após isto, foram se desenvolvendo projetos, leis, que amparam essa fase. O ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a lei Diretrizes e Bases da Educação (1996) e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) servem-nos de exemplos. Porém, alguns documentos não são o suficiente para por em prática tudo isto, é preciso que a sociedade se conscientize da importância da educação nesta fase inicial da vida da criança e do compromisso com elas em prol de sua formação, de um trabalho contínuo e permanente. Há diversos meios de propiciar o ensino-aprendizagem. A brincadeira é um deles e deve fazer parte disso, tornando-se mais uma fonte a intensificar o processo de sua formação, pois a criança está em contato desde o berço com os múltiplos brinquedos e brincadeiras. Assim, ao trazer para o espaço pedagógico o reconhecimento da importância da brincadeira, isso facilita o desdobramento de tais objetivos educacionais na Educação Infantil, pois abrem possibilidades para a sua formação nos aspectos afetivos, cognitivos, psicomotores e culturais. Além de a brincadeira propiciar vários benefícios neste processo, causa um ambiente mais alegre e mais prazeroso.

1.1 O brincar na educação infantil

Pelo que foi exposto no capítulo anterior, entende-se que a educação infantil deixa de ser um “depósito” de crianças em função de ser um espaço de formação de cidadãos. O RCNE traz esta reflexão ressaltando:

Modificar essa concepção de educação assistencialista significa atentar para várias questões que vão muito além dos aspectos legais. Envolve, principalmente, assumir as especificidades da educação infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas. (1998, p.17).

E, não obstante, os professores não podem somente se guiar por um referencial e sim, sempre buscar novos meios que possam contribuir para a aprendizagem escolar, sendo, assim, também um pesquisador reflexivo, crítico, fazendo questionamentos, buscando respostas, propondo novos recursos, novos meios de trocas entre ele e as crianças, entre as próprias crianças e os sujeitos da escola e da família, adequando o dia a dia em sala de aula a realidade da criança e do colégio, sempre com um olhar atento, com novas perspectivas pedagógicas, reconhecendo que cada criança é ‘uma criança’. Este processo tem única e primordial finalidade: educar. Como afirma Weffort: “A ação, a interação e a troca, movem o processo de aprendizagem. Função do educador é interagir com seus educandos para coordenar a troca na busca do conhecimento”. (1992, p.07). Assim, não havendo a idéia de soberania, e sim troca de saberes, deve o professor partir para uma busca incessante de novas aprendizagens, aprimorando-se cada vez mais. Não há um ponto final, se formar não é o fim do processo, mas o começo, pois é necessário que o educador se fundamente em novas pesquisas, questionamentos e, principalmente, respostas, agora voltadas à sala de aula, na prática. Isto tudo vai motivar o professor a ser um eterno pesquisador e, conseqüentemente, um ótimo mestre em qualquer área que atue, tendo a mesma convicção por melhorias em sua área de trabalho. De acordo com a LDB⁷, art.62:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

⁷ Dado disponível em: < www.planalto.gov.br/civil_03leis/19394.htm > acesso em agosto de 2008.

Sendo assim, pode-se lecionar apenas com a formação normal, mas é necessário que haja um maior aprimoramento por parte do educador, pois além de qualificar o trabalho, leva o professor a intensas buscas por respostas.

Assim, com toda esta trajetória histórico-social do sentimento de infância, das mudanças legislativas, do caráter do termo infância, do que seja este nível escolar, da formação profissional nesta área e dos próprios questionamentos e posições que foram relatados neste texto, enquanto futura professora entendo que a Educação Infantil é um espaço para a criança viver e experimentar (re)descobertas, conhecendo o mundo ao seu redor, tomando referência deste espaço através da troca social entre colegas, professores, dos materiais educativos, dentre outras perspectivas que não se reduzem ao contexto familiar. Neste espaço, a criança aprende muito, tantos nos aspectos incluídos no currículo escolar quanto nas experiências que nele ocorrem naturalmente e escapam de um planejamento prévio. Bujes faz uma bela reflexão sobre o que seja este espaço, no que concerne aos currículos.

A experiência que a criança vive na escola infantil é muito mais completa e complexa. Nela a criança desenvolve modos de pensar, mas também se torna um ser que sente de uma determinada maneira. O desenvolvimento da sensibilidade, o fato de reagir de uma certa maneira frente aos outros e às experiências vividas, o gosto por determinadas manifestações culturais em vez de outras (...) Também é preciso destacar que a criança neste período se torna cada vez mais capaz de domínio das operações com o próprio corpo, um sujeito que faz coisas, que desenvolve habilidades, destrezas(...) Todas as ações, formas de expressão, de manifestação do gosto, da sensibilidade infantil são marcadas pelo que é vivido e aprendido nas creches e pré-escolas (mas também fora delas). Tudo isso faz parte da experiência curricular. (2001, p.20).

Assim, este nível educacional é um espaço que ganha força, presença, com as diversas subjetividades de cada criança, com cada desafio com que essa se depara, com cada conceito que adquire. E o professor tem a função primordial de estimular cada item, cada aspecto fisiológico, motor, psíquico, emocional, cognitivo, social, cultural, em seus alunos. Através disso, trago como aliado nos métodos escolares, seja ele qual for, o trabalho do lúdico em sala de aula, partindo da brincadeira.

Uma brincadeira com aspectos diferentes, não é uma simples diversão, mas uma atividade que tem um caráter especial; tem-se o brincar com o intuito de desenvolver, estimular múltiplas aprendizagens. Segundo Almeida:

Conduzir a criança à busca, ao domínio de um conhecimento mais abstrato misturando habilmente, uma parcela de trabalho (esforço) com uma boa dose de brincadeira transformaria o trabalho, o aprendizado, num jogo bem-sucedido, momento este em que a criança pode mergulhar plenamente sem se dar conta disso. (1990, p.60).

Dessa forma, acredito que a brincadeira pode ser um condutor desta aprendizagem de um modo diferente, em que a criança pode vivenciar de modo espontâneo, sentindo prazer ao realizar tal tarefa, sendo incentivada, aprimorando sua capacidade de se expressar de diversas maneiras, inclusive pela ludicidade. Como afirma ALMEIDA:

De modo geral, é preciso recuperar o verdadeiro sentido da palavra “escola”: lugar de alegria, prazer intelectual, satisfação; é preciso também repensar a formação do professor, para que reflita cada vez mais sobre a sua função (consciência histórica) e adquira cada vez mais competência, não só em busca do conhecimento teórico, mas numa prática que se alimentará do desejo de aprender cada vez mais para poder transformar. (1990, p.64).

Por conseguinte, que espaço educacional é este? Um espaço de interação, socialização, troca de saberes, de (re)descobertas do mundo e do espaço ao redor, de busca de auto conhecimento do corpo, dos sentimentos. Isto propiciado por um espaço escolar, consciente de seu papel social e educacional, que promova uma formação contínua de seus profissionais, que tenha a capacidade de observar a turma como um todo, mas reconhecendo que cada criança é única, que tem uma história, que vive um agora e que terá um futuro, o qual as contribuições da escola terão grande importância.

A Educação Infantil, de acordo com o Referencial Curricular Nacional, tinha uma perspectiva assistencialista focando as famílias de poder aquisitivo baixo, com o objetivo de sanar as supostas faltas e carências, havendo uma concepção de cuidado, de relação mãe e filho (a), referente à proteção, saúde e alimentação.

Atualmente, a Educação Infantil tem uma outra imagem, ela é retratada não somente como uma instituição de acolhimento e, sim, numa linha de pensamento de ensino-aprendizagem, tendo

como foco a educação, o educar da criança, havendo uma maior atenção com o sentimento de infância, com a importância da educação nessa fase.

Nas últimas décadas, os debates em nível nacional e internacional apontam para a necessidade de que as instituições de educação infantil incorporem de maneira integrada as funções de educar e cuidar, não mais diferenciando nem hierarquizando os profissionais e instituições que atuam com as crianças pequenas (...). As novas funções para a educação infantil devem estar associadas a padrões de qualidade (...). (RCNEI⁸,1998, p.23)

Em suma, a Educação Infantil tem muito mais a oferecer, estando num processo de contínua aprendizagem, de socialização (com o professor e colegas de classe), de autonomia, de ludicidade, de se auto-conhecer e conhecer o outro e de outras relevâncias acerca de suas necessidades e objetivos. E acredito que a brincadeira possa ser um meio desse processo ensino-aprendizagem. A brincadeira pode ser um instrumento pedagógico para auxiliar em sua aula, passando o conhecimento de forma lúdica, de uma maneira que os pequenos aprendam mais, promovendo uma maior atenção das crianças. O professor como mediador dessa aprendizagem, deve orientar, guiar e auxiliar seus alunos, conforme a dificuldade de cada um naquela atividade. Pois, assim, o conteúdo será dado de forma mais atraente aos educandos, dando prazer ao que está realizando e, concomitantemente, aprendendo de acordo com os objetivos determinados pela educadora (o). É o que ressalta o RCNEI: “Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagem orientadas pelos adultos (...)”. (1998, p.23).

Em muitas das brincadeiras, a criança pode se passar por outras pessoas, por outras características e, assim, aprender as peculiaridades das profissões, a estimular sua imaginação, sua criatividade e perceber a relação sobre as pessoas em seus papéis sociais. Isso é somente um exemplo de como podemos aprender brincando. E é a partir daí que o professor entra em “ação”. Ele irá estimular tais brincadeiras, propondo algumas situações que remetem seu ensino. No campo da psicologia, Vygostky apud Oliveira discorre sobre esse assunto. “Tanto pela criação

⁸ Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

da situação imaginária, como pela definição de regras específicas, o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal⁹ na criança”. (1995, p.67).

Com este objeto, a criança vai desenvolvendo cognitivamente, vai acarretando saberes, aprendendo brincando, de uma forma mais divertida, mais dinâmica, este instrumento irá ajudá-la a desenvolver certas cognitividades.

E assim os educadores, me incluindo como futura professora pode trazer a brincadeira para dentro do espaço escolar com intuito pedagógico, trazendo a mesma para além do que ela possa oferecer pelo simples brincar.

Já sabemos que a brincadeira remete a aprendizagens e, com uma posição dirigida, temos por objetivo um planejamento daquilo que queremos que os alunos aprendam. Mas isto, em nossa história, ainda é muito recente. A brincadeira na Educação Infantil encontra-se num espaço micro, remetendo-se a uma posição somente de recreação, numa dimensão limitada. De acordo com BROUGÈRE:

(...) há três grandes modos de relacionar jogo e educação: a recreação, o artifício e o valor educativo intrínseco (...) São três posições diferentes conferidas ao jogo: uma posição limitada, uma posição relativa e uma posição central (...). (1998, p.114).

Como foi referido acima, a escolarização infantil ainda é remetida à recreação, somente a título de diversão. E ela não tem somente como objetivo a diversão, o lazer. De acordo com os referenciais: “Os objetivos explicitam intenções educativas e estabelecem capacidades que as crianças poderão desenvolver como consequência de ações intencionais do professor. Os objetivos auxiliam na seleção de conteúdos e meios didáticos”. (1998, p.47).

Alguns objetivos referentes ao Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil são:

→ *Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;*

⁹ A zona de desenvolvimento proximal é a distancia entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas pela criança, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros.

→ *Estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;*

→ *Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;*

→ *Valorizar ações de cooperação e solidariedade, desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração e compartilhando suas vivências;*

→ *Adotar hábitos de auto-cuidado, valorizando as atitudes relacionadas com a higiene, alimentação, conforto, segurança, proteção do corpo e cuidados com a aparência;*

Esses são pequenos pontos que o Referencial Curricular Nacional traz para a educação infantil e, nesse documento, são incluídos alguns conteúdos com o auxílio da brincadeira, o que faz com que percebamos que a todo o momento o brincar pode ser a própria ação educativa. Mas, mesmo com os documentos trazendo esta proposta, a brincadeira com intuito pedagógico ainda está muito enraizada numa perspectiva da diversão e não do processo de aprendizagem. Corroborando com esta questão, trago as palavras de Lanter, mestre em educação pela UERJ e membro do núcleo de Pesquisa, Extensão e Estudo da Criança de 0 a 6 anos da Universidade Federal Fluminense.

(...) é importante ressaltar que, em décadas passadas, as políticas públicas para a educação infantil se caracterizavam por projetos assistencialistas, distantes de ações que valorizassem a educação e a ampliação do magistério nessa área, ao passo que, hoje, na década de 1990, surge em meio a movimentos da sociedade civil e medidas tomadas por alguns órgãos públicos – uma nova mentalidade em relação ao significado a infância, da educação infantil e, sobretudo, do educar da criança pequena. (2002, p.154).

Tomando como exemplo o referencial curricular que foi elaborado da década de 90, logo há dezoito anos atrás, percebemos que muito mudou. A formação de cada professor, os currículos de grande parte das universidades, concepções sobre a infância, produção textual sobre o tema, e,

me arrisco aqui a dizer, algumas práticas pedagógicas mostram a perspectiva de educar a criança. Imagino, então, ser possível trazer a brincadeira não somente como um ato de recreação e sim como aprendizagem, remetendo a brincadeira num outro ponto de vista, deslocando-a do mero lazer para uma atividade dotada de um sentido e de um significado educativo.

Pretendo, então, mostrar como é possível fazer um trabalho com o auxílio da brincadeira e talvez tornar o trabalho mais prazeroso. E é o que ressalta Aroeira ao refletir que “a ação pedagógica do professor consiste, ao contrário, em criar condições para o aluno explorar os recursos de que dispõe e orientá-lo nesse trabalho”. (AROEIRA, 1996, p.72) . E a brincadeira vai ser este meio, um instrumento que a criança vai explorar e, com o auxílio do professor, apreender outros saberes que este instrumento pode trazer, pois em cada brincadeira estarão os objetivos que os professores querem alcançar.

O brincar é uma atitude espontânea na criança, pois, desde pequena ela já tem contato com brinquedos, com brincadeira feitas pelos familiares, amigos, entre outros. E o que o professor irá fazer é trazer algumas dessas brincadeiras, adaptá-las se for o caso, de acordo com seus objetivos e a partir daí inserir novos desafios na criança, promover novas experiências, fazendo com que a mesma aprenda brincando. O professor será a chave desse processo de aprendizagem, é ele que estará dia após dia com o aluno, conhecendo um por um, e trazendo aprendizagens de acordo com seu contexto, sua cultura, sua vivência, tanto fora quanto dentro do campo escolar. Portanto, podemos concluir que com a brincadeira nós aprendemos muito, tanto na fase da infância quanto na fase adulta, pois ao brincarmos tomamos posições referentes àquele jogo, àquelas regras, a alguma situação que, similarmente, nos deparamos Na vida aprendemos certas posturas, a conviver com o outro, a aceitar diferenças, a respeitar e sermos respeitados. É o que refere Baron: “ao brincar, o sujeito ensaia, treina, aprende, se distrai, sim; mas se constrói: afirma, assimila, reorganiza, descobre e inventa suas formas de enfrentar os enigmas, os desafios, a oportunidades e as imposições que a vida lhe apresenta”. (2002, p.56). Com isto, podemos perceber que ao utilizar a brincadeira como meio pedagógico podemos auxiliar a criança de diferentes formas, isto é, empregamos a brincadeira de maneira lúdica, aproveitando esse momento para acrescentar alguns saberes pré-determinados pelo professor (a). Devemos, no entanto, ter em mente que a brincadeira não deve ser imposta, mas partir do desejo da criança e/ou da motivação do professor, estimulando e ‘seduzindo’ a criança para uma atividade lúdica.

Acredito que deve haver um equilíbrio em sala de aula, sabendo o educador identificar quais momentos serão oportunos para brincadeiras dirigidas ou para brincadeiras realizadas por pura recreação, identificando quais são as necessidades daquela turma, tendo conhecimento do desejo das crianças, reconhecendo que com a brincadeira, muitas vezes, pode-se levar o aluno a aprender muito mais do que imagina-se. Como dito anteriormente, o ato de brincar já é algo natural na criança, e nós, professores, podemos recorrer a este instrumento como auxílio pedagógico, como se refere HEINKEL:

As crianças dedicam grande parte do seu tempo ao brincar, ao jogo. Uma coisa tão sem importância, tão evidente aos olhos da criança, precisa ser considerada como a expressão da atual organização de sua personalidade e a compreensão que tem no mundo (...). (2003, p.17).

Devemos potencializar as diversas faces que o ato de brincar tem. Observar as crianças enquanto brincam e remanejar tais atividades para sala aula, trazer a brincadeira com um outro aspecto, com outro diferencial. Brincar não apenas com finalidade de diversão, de curtidão, de lazer, de distração e, sim, como já ressaltado, como auxílio pedagógico.

Desejo presumir que não penso que o fazer pedagógico da educação infantil se resume às atividades de brincadeira, pois reconheço a importância de outras como a leitura, a arte, a dramatização, o contar histórias, o assistir filmes e outras diferentes propostas. Minha intenção é, tão somente, dar ao ato de brincar um estatuto pedagógico, reconhecendo sua importância no processo ensino-aprendizagem, principalmente na Educação Infantil, fase em que a criança é muito 'brincante'.

Retornando à análise do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a ideia de brinquedo é constante nos três volumes. Destaco a importância do brinquedo neste documento aparecendo tanto de forma livre quanto dirigida. Mas, esta forma dirigida tem caráter implícito, já que as orientações didáticas não induzem o professor a utilizar o recurso do brinquedo e, sim, mostrar o quanto o brinquedo pode favorecer a criança, o que aquela brincadeira traz como benefício. Por exemplo, no ensino da linguagem e escrita colocamos a brincadeira como forma

de constituir novas experiências a partir de uma ligação de saberes. Contatos da linguagem oral como recurso da brincadeira, no entanto, não aponta que o professor utilize esta brincadeira como recurso dirigido, até pode se referir em atividades deste tipo, mas não enfoca o educador com a brincadeira dirigida, fica muito superficial esta compreensão do ato de brincar com intuito educativo. Não se trata, então, de colocar a brincadeira a serviço de um conteúdo do programa simplesmente, mas reconhecê-la como parte deste programa. Dessa forma, o professor deve pensar numa brincadeira que leve o aluno a uma aprendizagem, e não o contrário, pensar num conteúdo e fazer da brincadeira uma forma de aplicá-lo. Agindo assim, o mestre faria do brincar mais uma tarefa escolar, como afirma Brougère (1998), e estaria embutindo uma tarefa em outra, não aproveitando o brincar como uma atividade educativa. O RCNEI nos dará mais subsídios para este entendimento ao relatar que:

Passam a fazer experiências não só com os sons e as palavras, mas também com os discursos referentes a diferentes situações comunicativas. Por exemplo, nas brincadeiras de faz-de-conta de falar ao telefone tentam imitar as expressões e entonações que elas escutam dos adultos. Podem, gradativamente, separar e reunir, em suas brincadeiras, fragmentos estruturais das frases, apoiando-se em músicas, rimas, parlendas e jogos verbais existentes ou inventados. Brincam, também, com os significados das palavras, inventando nomes para si próprias ou para os outros, em situações de faz-de-conta. (RCNEI, 1998, p.126).

Esse documento discorre sobre os diferentes espaços de saberes, como os diversos campos além da sala de aula que podem levar a criança a aprender. O brinquedo, não como um espaço, mas sim como instrumento que produz aprendizagem, ocuparia um tempo e um espaço no planejamento deste segmento de ensino.

A brincadeira aparece em todo conteúdo dos Referenciais, como no capítulo da *Criança, a Natureza e a Sociedade*, que refere-se à brincadeira como auxílio em seu desenvolvimento: “O brincar de faz-de-conta, por sua vez, possibilita que as crianças reflitam sobre o mundo. Ao brincar, as crianças podem reconstruir elementos do mundo que as cerca com novos significados, tecer novas relações”. (1998, p. 171).

Assim, os Referenciais trazem a brincadeira para o campo educativo mostrando que, com a brincadeira, podemos aprender diversas coisas, dependendo do objetivo a ser estabelecido, porém, a prática do professor não é muito referenciada. Fala-se, nestes capítulos dos referenciais, sobre algumas práticas, que a brincadeira é um instrumento que se pode aprender além de sua

funcionalidade, mas, como já foi exposto, não é muito clara a posição do educador, principalmente na parte da *Orientações Gerais do Professor*, onde não se discute a intencionalidade do ato de brincar. Se o referido documento toca no assunto, é de maneira mais “superficial”. Já o capítulo *Jogos e aprendizagem de noções matemáticas* dão uma maior ênfase sobre a brincadeira no espaço escola de forma dirigida:

O jogo tornou-se objeto de interesse de psicólogos, educadores e pesquisadores como decorrência da sua importância para a criança e da idéia de que é uma prática que auxilia o desenvolvimento infantil, a construção ou potencialização de conhecimentos. (...) A participação ativa da criança e a natureza lúdica e prazerosa inerentes a diferentes tipos de jogos têm servido de argumento para fortalecer essa concepção, segundo a qual aprende-se Matemática brincando.(...) O jogo, embora muito importante para as crianças não diz respeito, necessariamente, à aprendizagem da Matemática. (RCNEI, 1998, p. 211).

Aqui já se evidencia um maior interesse pela brincadeira dirigida, não a reduzindo a um simples instrumento para o ensino de algo. Fica explícito que não é somente uma forma de ensino da disciplina matemática, que pode ocorrer em outras áreas de conhecimento, mas, a partir do momento que o professor a entenda como atividade lúdica, tem-se o intuito de gerar prazer para a criança. Logo, o jogo nestas condições, auxilia, mas não é o objetivo de ensino. Pensemos numa inversão: existem jogos tradicionais que podem levar o aluno a entender alguns princípios matemáticos? Se a resposta for positiva, por que não usá-los em sala de aula? Na minha concepção de futura pedagoga, é diferente, e até mesmo um pouco difícil, pensar num assunto a ser tratado pela matemática e depois procurar um jogo em que tal tema possa ser ensinado.

A atividade dirigida de jogo e de brincadeira só irá realizar-se quando o professor prepuser à turma, se for objetivo dele trazer a brincadeira dentro do espaço escolar para além de um momento de diversão e recreação, um momento de ensino-aprendizagem (prazerosa e divertida).

A livre manipulação de peças e regras por si só não garante a aprendizagem. O jogo pode tornar-se uma estratégia didática quando as situações são planejadas e orientadas pelo adulto visando a uma finalidade de aprendizagem, isto é, proporcionar à criança algum tipo de conhecimento, alguma relação ou atitude. Para que isso ocorra, é necessário haver uma intencionalidade educativa, o que implica planejamento e previsão de etapas pelo professor, para alcançar objetivos predeterminados e extrair do jogo atividades que lhe são decorrentes. (RCNEI, 1998, p. 211).

No entanto, por mais que este capítulo do RCNEI faça uma maior abordagem na questão da brincadeira dirigida, a parte das *Orientações Didáticas* continua em falta nessa especificidade. Fala-se do brincar, mas não dessa maneira, o que pode causar algum tipo de imprecisão.

Em relação às orientações didáticas tem-se que é a forma de guiar o professor em sala de aula conforme os conteúdos a serem abordados, auxiliando os educadores a agirem em algumas situações, fazendo com que saibam optar por instrumentos que podem ser utilizados naquele momento. No capítulo *Orientações Didáticas* encontramos que “Os conhecimentos numéricos das crianças decorrem do contato e da utilização desses conhecimentos em problemas cotidianos, no ambiente familiar, em brincadeiras, nas informações que lhes chegam pelos meios de comunicação etc”. (1998, p.220). Como já referido, o brincar é dito, mas não é mencionado a maneira desse brincar. Fica muito implícita a estrutura da brincadeira em *Orientações Didáticas*, no entanto, no decorrer dos Referenciais vem-se mencionado a brincadeira como um ato de aprendizagem. Torna-me claro que este documento não é um “manual de instruções” de como o professor deve passar o conteúdo a ser dado. Reconheço que as formas de ensino são pessoais e dependem do empenho, dedicação, vontade e criatividade do educador. Não vejo o RCNEI como um “receituário”, mas, como meu foco investigativo é o brincar, percebo que esta abordagem é exposta de uma maneira um pouco confusa, ora defendendo o brincar livre ora valorizando a brincadeira com intencionalidade pedagógica.

Saliento ainda que, por mais que *Orientações Didáticas* não mencione a brincadeira dirigida de forma explícita, há uma parte de *Orientações Gerais do Professor* que inclui brincadeiras e jogos. No entanto, percebe-se novamente que não há o enfoque no educador, no sentido de como ele deve proceder, só é mencionado que a brincadeira pode fluir naturalmente para a criança, apontando quais são as cognitividades que os pequenos podem aprender com determinada atividade, quais brincadeiras podem ser aplicadas em determinado conteúdo. Isto é observado no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 3º volume - Conhecimento de Mundo. Ele é dividido em seis conhecimentos: *A criança e o Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática*, subdivididos em *Objetivos, Conteúdos e Orientações Gerais do Professor*. Apenas em três conhecimentos ficam explícitos o tópico *Jogos e brincadeiras*: a Música, Natureza e Sociedade e Matemática. Em todo corpo do texto dos Referenciais fala-se sobre a brincadeira, mas de forma singular, ao menos da brincadeira direcional, enfocando assim, as múltiplas possibilidades que as

brincadeiras podem oferecer às crianças. Volta-se, então, a algumas indagações do tipo: Qual a colocação do professor? Os referenciais são um guia para o educador, mas fala-se muito pouco dele, especificamente na questão da brincadeira dirigida. Na parte de *Jogos e Brincadeiras*, dentro da matemática, vem retratado que:

Vários tipos de brincadeiras e jogos que possam interessar à criança pequena constituem-se rico contexto em que idéias matemáticas podem ser evidenciadas pelo adulto por meio de perguntas, observações e formulação de propostas. São exemplos disso cantigas, brincadeiras como a dança das cadeiras, quebra-cabeças, labirintos, dominós, dados de diferentes tipos, jogos de encaixe, jogos de cartas etc. (RCNEI,1998, p.235).

Como já exposto, os Referenciais trazem o que cada brincadeira proporciona à criança e o que ela pode oferecer no seu ensino-aprendizagem. Mesmo sendo os referenciais um material básico que serve para que os profissionais pedagógicos possam saber o que respeitar em seus métodos educativos e em sua diversidade cultural brasileira, este tema fica pouco focado, pois não se explicita tanto a posição dos educadores, sua importância em cada atividade.

O que se deseja ressaltar é que o professor tem uma função importantíssima na Educação Infantil, ele é o educador, é ele quem irá planejar as aulas, quem vai diagnosticar os “progressos” e os possíveis “fracassos” de cada criança. Este nível educacional é um espaço onde o professor irá mediar, auxiliar a turma de acordo com os conteúdos curriculares. E a brincadeira pode ser um deste meio. Claro que não é o único instrumento que pode ser utilizado, mas é importante enfatizar o quanto a brincadeira pode favorecer nas cognitividades das crianças, que é possível os educadores utilizarem este meio como recurso metodológico no âmbito da educação. É o que afirma Friedman: “(...) o jogo é uma alternativa significativa e importante, mas sua utilização não exclui outros caminhos metodológicos” (1996, p.56).

Como já mencionado anteriormente, o sentimento de infância ainda é muito recente e, com isto, houve uma mudança na estrutura das escolas, em seu currículo, no tratamento com a criança, havendo uma maior distinção entre a criança e o adulto.

As crianças não eram nem queridas nem odiadas nos tempos que se expressam hoje: as crianças eram simplesmente inevitáveis. Não se diferenciavam dos adultos por suas roupas, nem por suas atividades, nem pelo que diziam ou calavam. (Arie apud Heinkel, 2003, p.41).

Esta pode ser uma das hipóteses de ainda tratarmos a Educação Infantil apenas como algo sem grande importância, pois elas podem ser resquícios de sentimentos que não havia na criança. Coloca-se então que se a educação infantil, enquanto escola, ainda não está dissociada na sociedade, a brincadeira, como método educacional pode ser visto da mesma forma. Por isto, venho a pesquisar sobre a importância deste instrumento no campo deste nível educativo, enquanto formação da criança em suas cognitividades.

Há bastante pesquisa relacionada a este campo educacional, mas não vejo reflexões mais aprofundadas e iniciativas que conduzam a uma prática efetiva, e sei que este meio pode ser utilizado no espaço escolar num intuito de produzir aprendizagens. Os próprios Referenciais da Educação Infantil mencionam que esta modalidade só veio a introduzir-se junto à educação básica, atendendo as determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96). Fez-se demorado o entendimento e o legislamento para se mostrar que a Educação Infantil é importante no processo da formação da criança, que não é um espaço onde os pais deixam os filhos enquanto vão trabalhar. Essa perspectiva assistencialista já não existe mais, estamos numa posição de educar, de formar cidadãos críticos e reflexivos. E, nesta nova concepção de criança, nesta preocupação em sua formação enquanto cidadão reflete-se o porquê de não trazer um instrumento que já é natural à criança, que já se encontra internalizado, pois, desde que nasce a criança entra em contato com diversos modos de brincar e faz-se necessário trazer isto para dentro de sala de aula com respectivos objetivos. De acordo com a Política Nacional de Educação Infantil:

Contudo, as formas de ver as crianças vêm, aos poucos, se modificando, e atualmente emerge uma nova concepção de criança como criadora, capaz de estabelecer múltiplas relações, sujeito de direitos, um ser sócio-histórico, produtor de cultura e nela inserido (...) o trabalho pedagógico visa atender às necessidades determinadas pela especificidade da faixa etária, superando a visão adultocêntrica em que a criança é concebida apenas como um vir a ser e, portanto, necessita se “preparada para”. (BRASIL, 2006, p.8)

Assim, as metas e os objetivos da Educação Infantil passaram por algumas mudanças, tomando outro foco para esta faixa etária, de zero aos seis anos. Com esta “transformação” da imagem da criança, automaticamente a imagem do brinquedo também muda. Corroborando com Brougère: “(...) Antigamente, a brincadeira era considerada, quase sempre, como fútil, ou melhor,

tendo como única utilidade a distração, o recreio (daí o papel delegado à recreação) e, na pior das hipóteses, julgavam-na nefasta (...)”. (2003, p.90). Hoje enxergamos a brincadeira com múltiplas possibilidades de aprendizagem, auxiliando nas cognitividades das crianças e permitindo uma aula mais livre, mais dinâmica. A brincadeira proporciona um recurso metodológico para o âmbito da educação, pois com este meio perpassa-se uma produção de conhecimentos. Este brincar do tipo educativo, dirigido contém, em sua prática pedagógica, objetivos estabelecidos, mostrando o que os professores almejam alcançar nas crianças com determinada brincadeira. a brincadeira por si só, a recreativa, a livre, também têm seu valor, remete aprendizagens. O que vai diferenciar uma da outra é que nesta não há um planejamento, um objetivo a ser alcançado. De acordo com HEINKEL:

Assim, o brincar enquanto naquela já existe uma perspectiva de aprendizagem, pois o professor mostra o que busca com determinado método educativo dirigido não significa simplesmente divertir-se, isso porque é a maneira mais completa com que a criança comunica-se consigo mesma e com o mundo, produzindo conhecimento (2003, p.67).

O brincar tem o seu valor tanto no campo escolar quanto fora, seja ele recreativo ou dirigido. Neste trabalho dá-se uma maior ênfase À brincadeira educativa, já que esse é o foco central de minha pesquisa. É importante conhecer e reconhecer que há espaço e possibilidade na educação infantil para este tipo de brincadeira e que, com este instrumento podemos transmitir aprendizagens de uma forma mais lúdica, mais diligente; que o brincar educativo tenha espaço em sala de aula, na quadra, em todo campo escolar; que esta nova visão da educação infantil não fique retratada apenas no papel e sim no dia-a-dia de cada escola, de cada sala de aula. Que possamos trazer isto para nossa prática e (re)pensar sobre o que é Educação Infantil, quais são seus objetivos, e o que podemos fazer para aprimorar nossas aulas.

O brincar pode ser uma nova maneira em sua prática pedagógica, se pondo como mais um instrumento educativo em sala de aula, como uma nova técnica no campo escolar. Não basta também aplicar alguma brincadeira sem dar o menor sentido a elas, mas sim, o professor tem que ter um olhar minucioso com a turma, observá-los enquanto brincam livremente e assim poder (re)utilizar isto de acordo com Seus objetivos. Como remetem os RCNEI:

A intervenção intencional baseada na observação das brincadeiras das crianças oferecendo-lhes material adequado, assim como um espaço estruturado para brincar permite o enriquecimento das competências imaginativas, criativas e organizacionais infantis. Cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada para propiciar às crianças a possibilidade de escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou os jogos de regras e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais. (1998, p.29).

Tudo depende de como o educador irá trabalhar com a turma, de como ele irá planejar a aula, quais serão os métodos a serem aplicados, quais técnicas serão escolhidas, pois a brincadeira é apenas mais um meio a ser utilizado em aula, podendo haver outros instrumentos a serem utilizados. O que se deseja é apenas que muitos educadores se conscientizem que a brincadeira pode ter mais de uma forma em sala de aula, em sua grande dicotomia: em face recreativa, a criança pode brincar dentro daquele espaço no que for conveniente a ela; já a brincadeira dirigida, uma brincadeira proposta pelo professor com os objetos estabelecidos, vem com intencionalidades determinadas. A brincadeira então, pode propiciar muitas coisas à criança, até mesmo em suas aprendizagens, como foi referido acima, passando a ser um meio educativo, uma forma diferente de ensinar no espaço escolar pois “Quem disse que brincando não se aprende?”. A brincadeira é mágica, num simples contato com um colega, você estará aprendendo diversas coisas, como o coleguismo, por exemplo, aprende a respeitar o outro, saber jogar quando é sua vez, respeitar a regras. E, com a brincadeira dirigida, podemos ter acesso a diversas maneiras de aprendizagens adquiridas em cada discente. A brincadeira, além de ser um meio lúdico, é também um instrumento, um meio já conhecido pelos pequenos, então pode ser mais fácil aprender tal assunto, irá chamar mais atenção deles, os mesmos terão curiosidade, vão querer participar da brincadeira que o professor for propor; tudo será uma questão de encantamento, de saber trazer a atenção dos alunos para aquela atividade, de fazer com que eles se envolvam tanto fisicamente quanto mentalmente e, dependendo da atividade, podem-se trabalhar outros fatores como o emocional, a competição.

Em minha ida ao II Fórum CABE – Centro de Aprendizagem, Pesquisa e Extensão, Cultura, Corpo, Arte e brinquedos em Educação, que tinha como tema “A criança contemporânea em foco”, realizado em 2008 pela Universidade Federal Fluminense, pude, mais uma vez, acreditar, sim, que a brincadeira é mais do que um espaço de diversão.

Não estamos desvalorizando outros espaços e contextos de educação, pois cada meio têm seu valor. Quer-se, somente, colocar em pauta a importância do lúdico na sala de aula por meio da brincadeira dirigida. A professora Márcia Trolly, apresentando uma palestra com o tema *Jogar para Aprender* no referido encontro que participei, me remeteu exatamente a isto: utilizar como recurso a brincadeira em função de incentivar, estimular uma aprendizagem. Ela deu diversos exemplos mostrando de que modo podemos fazer isto em sala de aula e muito mais que isso, fomos convidados a participar desta brincadeira, de nos envolvermos com esta arte do brincar, tivemos a oportunidade de tornar esta experiência concretamente, sentirmos um impulso, o sentimento de como é unir o prazer com o educar. Em sua fala a referida educadora dizia: “O sucesso escolar está na realização de um trabalho com prazer”. Trolly acredita neste movimento do lúdico em sala de aula e nos convida a compreender um pouco deste brincar. Ela nos mostrou que possui uma intensa trajetória do brincar em todas as fases etárias, pois para cada fase há um tipo de brincadeira e conteúdo a ser abordado. Piaget tem esta mesma metodologia, faz a separação de cada ensino por períodos. Segundo o op. cit. Rappaport: “(...) as determinadas faixas etárias correspondem determinados tipos de aquisições mentais e de organização destas aquisições que condicionam a atuação da criança em seu ambiente (...)”. (1981, p.63). Um dos exemplos citados pela professora Trolly foi do jogo do mais um. Este jogo é constituído com uma cartela com 20 números, podendo ser jogado em dupla, em trio, com quantos quiser, o objetivo são os alunos identificarem porque depois do um vem o dois e assim sucessivamente. E, conforme a criança vai adquirindo este conceito, pode acrescentar outros desafios, ao invés de somar mais um, agora somar mais dois. Mas, para trabalhar com o lúdico o mestre tem que (re)conhecer esta vivência, sabendo a importância que isto traz na formação da criança e não obstante, a instituição também reconhecer sua validade tanto neste processo lúdico quanto na importância de uma Educação Infantil nesta fase inicial de nossas vidas.

2. A IMPORTÂNCIA DO ATO DE BRINCAR

O trabalho na Educação Infantil é preenchido por rotinas, experiências, descobertas, redescobertas, curiosidades, conhecer-aprender-crescer. E as diferentes atividades recreativas fazem parte do dia-a-dia nesta fase inicial da criança.

As atividades lúdicas, neste contexto, não são somente atividades que acalmam, mas sim, um meio onde a criança vai vivenciar, experimentar, demonstrar suas emoções, idéias, sua capacidade de liderança, de coleguismo, de cooperação. Portanto, são atividades recreativas, de lazer, de diversão e também um momento que proporciona o desenvolvimento da criança.

O brincar na escola tem por finalidade fixar o que foi aprendido, já que envolve conhecimentos pré-estabelecidos no decorrer destas atividades, com sua circularidade faz com que tal conhecimento não seja esquecido tão facilmente e a cada repetição há um aprimoramento em sua aprendizagem. A cada nível alcançado em sua aprendizagem, a criança estará frente a novos desafios, a novas aprendizagens e, o professor como mediador estará acrescentando novos componentes que a desafie.

Há duas perspectivas do brincar bem marcada no contexto escolar: como atividade recreativa e como atividade dirigida. Nesta, nas atividades recreativas, os objetivos principais trabalham o desenvolvimento físico, intelectual e movimento corporal. O que diferencia uma da outra é sua intencionalidade, pois as atividades dirigidas já têm objetivos pré-supostos e suas regras também já pré-estabelecidas. O professor, ao aplicar esta atividade dirigida, já espera um resultado, já tem um intuito pedagógico. Mas isto não quer dizer que o jogo como forma recreativa não tenha efeito pedagógico. É uma atividade livre sim, mas o educador não se torna como um agente passivo, ele está ali como mediador daquela atividade, aonde conduzirá as crianças em sua organização, sugerindo brincadeiras, as regras que serão estabelecidas e a criança que não tiver interagindo o professor poderá conduzi-lo para que se socialize com o restante da turma, aprendendo a importância do outro, do coleguismo, a respeitar as regras e a compreender que em um jogo há ganhadores e perdedores. Já a atividade dirigida, mesmo tendo um intuito pedagógico, é uma atividade repleta de sentidos, onde o educador terá o papel de instigá-los a tal atividade, irá motivá-los a participar, não sendo um simples condutor, mas sim, mediador e motivador, pois, terá como função atrair as crianças para a atividade proposta. Como se refere no documento elaborado pela Fundação Roberto Marinho:

O fato de ser proposto por um adulto não faz dele menos jogo, uma não-brincadeira, algo que seja alheio ao mundo infantil. O que faz do jogo um jogo é a liberdade de ação física e mental da criança nessa atividade. O importante é que seja proposto de forma que a criança possa tomar decisões, agir de maneira transformadora sobre conteúdos que são acessíveis e significativos para ela. (1991, p.103).

Os jogos são formas de auxiliar na aprendizagem, são instrumentos metodológicos e podem ser utilizados com conteúdos a serem aplicados, de forma a amenizar o enfado em sala de aula. No entanto, não podem e não precisam se resumir a isso, pois, dessa forma, perderiam todo o sentido de sua aplicação. O brincar por brincar, ou atividades programadas como uma tentativa de acalmar as crianças são formas recreativas, porém, o jogo vai muito além disso. É uma forma de aprendermos com um outro ponto de vista e não somente estando os alunos “enfileirados”. Como diz Freire: “*A idéia é que, em sala de aula, os alunos aprendam mais sobre algum tema dado anteriormente*”. (2005, p.112). Seria então o jogo um facilitador diferenciado de aprendizagem?

O espaço em sala de aula é para aprendermos mais, conhecer e aprender e não somente reproduzir; nesse sentido o jogo estará a auxiliar nesta aprendizagem. Um exemplo disso está na reportagem de Rossi. Duas professoras, Fátima Regina e Daniela, da Escola Criarte, São Paulo, buscaram entre livros, revistas, filmes e sites, respostas para produzirem um material didático divertido. Um jogo com intuito pedagógico que envolve a criança (quatro anos de idade) desde a sua produção. A criança elabora um jogo com a mediação da professora e, no final, depois de ter produzido e jogado, faz-se um rodízio na turma para levá-lo para casa. Neste caso específico, era um jogo de cartas com animais, onde cada carta continha o peso, altura, número de patas, número de filhotes e quantos anos vivem. Este jogo tinha como intuito valorizar cada animal, observando suas características e o potencial e, com isso, trabalhar também os princípios de matemática.

O jogo com intuito pedagógico tem como objetivo construir aulas mais dinâmicas, unindo a turma, solidarizando uns com outros e, neste momento lúdico, pode-se rever a matéria já ensinada. Mas, em contrapartida, nem sempre há interesse de todos a participar de tal atividade. “*Um jogo educativo como qualquer outro, não acarreta automaticamente o lúdico*” (BOUSQUE, s/d, p.7). Por ser um jogo direcionado, não sendo uma atividade espontânea, o professor muitas

vezes tem que criar artifícios para que as crianças se envolvam neste jogo, como as professoras Fátima Regina e Daniela, da escola Criarte. Elas não trouxeram o jogo pronto, convidaram seus alunos a participarem de sua produção, eles se envolveram com a atividade desde o início, não deixando a brincadeira ser esvaziada.

O período da Educação Infantil permite que o indivíduo desenvolva diversas potencialidades e habilidades, como por exemplo, a coordenação motora fina, entre outras espécies de aprendizagem como aquisição da leitura-escrita. Mesmo não tendo esta intenção “conteudista”, a Educação Infantil não é somente um momento de brincadeira, de recreação, sem aprendizagem, sem sentido. A prática da brincadeira tem, sim, uma aprendizagem, como diz Esteban in GARCIA¹⁰:

As atividades desenvolvidas, seja de forma mais livre ou de forma mais dirigida, devem ser cuidadosamente observadas, a fim de se avaliar o nível de desenvolvimento atingindo e em que medida a criança vem “amadurecendo”, ou seja, capacitando-se para responder às exigências escolares futuras. (2005, p.23).

A criança pode estar com um ótimo brinquedo, que estimule sua criatividade, sua imaginação, e não saber trazer para si esta aprendizagem. Por isto a importância de um educador mediador para auxiliá-la, trazendo novos elementos para que estimule tal aprendizagem. O jogo e o brinquedo acarretam uma série de relações sociais, como demonstra Anton Makarenko. Há três estágios na vida da criança com o brinquedo: o primeiro contato é individual, a criança brinca sozinha, evoluindo mais tarde para um jogo coletivo e, no terceiro estágio, já trabalha o coletivo não somente no jogo, mas em seu cotidiano. Como tudo em nossas vidas, precisamos de uma base, de uma estrutura, e esta primeira fase é muito importante para a criança, é aonde vão se criando suas estruturas cognitivas pois, a partir do brinquedo ela conhecerá o mundo, suas relações sociais.

No viés da psicologia, Piaget, em sua teoria, discorre sobre o desenvolvimento da criança por estágios. São exatamente quatro períodos. O primeiro, chamado sensório-motor (0 a 2 anos), será a fase onde bebê irá, a partir de brinquedos e objetos, fazer a diferenciação dos objetos externos do próprio corpo; no período pré-operacional (2 a 7 anos), utilizará objetos num outro

¹⁰ ESTEBAN, Maria Teresa. Jogos de encaixe: Educar ou formatar desde a pré-escola?. GARCIA, Regina Leite(org). *Revisitando a pré-escola*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

sentido, como o “brincar de faz de conta”. Nesta fase, a criança ainda é muito egocêntrica, como se refere Piaget op. cit. Clara Regina Rappaport: “(...) *Egocêntrica, pois devido à ausência de esquemas conceituais e de lógica, o pensamento será caracterizado por uma tendência lúdica, por uma mistura de realidade com fantasia, o que determinará uma percepção muito distorcida da realidade (...)*”. (1981, p.68).

Neste egocentrismo é freqüente observar várias crianças brincando juntas, mas cada uma com seu brinquedo, com seu objeto, sem interação com as outras. No período das operações concretas (7 aos 11 anos), há um declínio do egocentrismo intelectual e um crescente processo do pensamento lógico. Neste momento, a criança irá distinguir o imaginário do real, pois já terá formado seus esquemas conceituais e irá entender as regras do jogo, passando a compreendê-las. Por último, no período das operações formais (12 anos em diante), o indivíduo irá formar esquemas conceituais abstratos.

Tanto na esteira da educação como na psicologia, percebe-se que o brinquedo e o ato de brincar são de grande ajuda no desenvolvimento da criança, formando diversos esquemas e conceitos em sua aprendizagem. Há diversos tipos de brinquedo, e é importante saber qual deles é o melhor, qual irá beneficiar a criança em sua aprendizagem no espaço escolar. Isso acaba se tornando um questionamento polêmico, pois, a principio, cada criança é uma, cada indivíduo tem suas necessidades. O necessário é a criança, através do brinquedo, aprimorar sua cognitividade, respeitar as regras, saber enfrentar as dificuldades. Como se refere MAKARENTO: “A educação do jogo exige sempre que se incuta na criança a aspiração a um prazer mais integral que o de uma simples contemplação, que lhe infunda a coragem necessária para superar as dificuldades e eduque a imaginação e o impulso intelectual (...)”. (1981, p.55).

Portanto, a brincadeira, em sua essência, é mais do que um lazer, uma diversão. Há muitas indagações implícitas em cada uma. O que seria um jogo de tabuleiro com um só jogador? Não seria competitivo, o jogo não teria graça. Este jogo trabalha o coletivo, a respeitar as regras, tem um consenso entre os jogadores, tem-se que superar as dificuldades que aparecerão, saber lidar com o perder e o vencer; existe, portanto, uma série de coisas que a criança tem que estar consciente ao jogar, tendo que estar integrada à brincadeira; a criança que não souber determinado jogo poderá ser auxiliada por um outro parceiro, trabalhando, dessa forma, a coletividade e a cooperatividade. E, dentro deste mesmo jogo de tabuleiro, podemos trabalhar

diversos outros assuntos, como as professoras, Fátima Regina e Daniela, da Escola Criarte, São Paulo, fizeram com seus alunos. Posso inventar um jogo e possivelmente criar junto com meus alunos, onde, além de estar trabalhando ludicamente tal assunto, irei estimular sua imaginação, sua criatividade; sendo eles os próprios criadores do jogo, irão dar muito mais importância e valor para tal diversão. A partir disso podemos afirmar que a brincadeira tem um papel importante na aprendizagem do aluno, que é um instrumento de ensino-aprendizagem favorável na Educação Infantil. Havendo ou não uma intencionalidade, há uma aprendizagem em torno dela.

2.1 A dificuldade do professor frente o brincar intencional

Tenho discutido, ao longo de minha dissertativa, a importância do ato de brincar prioritariamente na Educação Infantil. Mas que brincadeiras são essas? Como o professor pode trabalhar? Que sentido ela traz no desenvolvimento da criança? No corpo do texto menciono a dicotomia entre a brincadeira dirigida e a recreativa. Mas como essas brincadeiras se dão no espaço escolar? Quais são os momentos que devem ser adotados a brincadeira recreativa e a dirigida?

Para uns, a brincadeira é um instrumento pedagógico (não esquecendo o valor da recreativa) e, para outros, a brincadeira só têm referência com intuito de diversão. Embora exista esta dicotomia, o valor de cada aprendizagem está presente tanto numa quanto na outra. O que devemos (re)lembrar é que as brincadeiras são momentos que induzem ao prazer, ao gostar, seja qual for a maneira como ela será adotada tanto pelas crianças ou pelos professores. A brincadeira dirigida tem a intencionalidade de estar desenvolvendo alguma cognitividade¹¹ e o professor como mediador da turma tem que estar atento a detalhes como este. Desenvolver uma brincadeira dirigida, sem que as crianças gozem delas, perderá todo seu sentido, pois não será mais brincadeira. Além de se deter na atenção no processo da brincadeira dirigida, de não perder sua característica principal (o de gozar ao fazer as atividades), o professor tem que estar atento ao espaço que vai desenvolvê-lo, se todas as crianças irão participar, se há material disponível, quais conteúdos irão abordar, em que tempo irá realizá-los, se vai ou não fabricar o jogo, se será brincadeira cantada, de roda e quais regras serão adotadas.

O educador pode utilizar este recurso a todo o momento que houver necessidade, é ele que irá observar como a turma se desenvolverá durante este recurso pedagógico como as crianças participam, se se envolvem na brincadeira recreativa ou brincam “por brincar”. De acordo com os RCNE, na parte que cabe à *Observação, registro e avaliação formativa* é relatado:

¹¹ Entendemos por cognitividade a capacidade dos sujeitos tomarem decisões considerando uma representação simbólica do mundo em que está inserido. Esses sujeitos são capazes de raciocinar a respeito de suas intenções e conhecimentos, criando, planejando e executando ações. Cognitividade se relaciona a capacidade cognitiva.

A observação e o registro se constituem nos principais instrumentos de que o professor dispõe para apoiar sua prática. Por meio deles o professor pode registrar, contextualmente, os processos de aprendizagem das crianças; a qualidade das interações estabelecidas com outras crianças, funcionários e com o professor e acompanhar os processos de desenvolvimento obtendo informações sobre as experiências das crianças na instituição. Esta observação e seu registro fornecem aos professores uma visão integral das crianças ao mesmo tempo que revelam suas particularidades. (1998, p.58-59).

Tanto em um quanto no outro momento é crucial a presença do professor, a forma com que ele estará avaliando as crianças. É neste processo em que o docente irá verificar quem está com mais dificuldade em lidar com o outro, em dividir, em doar, com quem vai brincar, se os pequenos fazem diferença de gênero, ou não, e se aceitam a perda. A brincadeira dirigida irá reunir todo esse conjunto de coisas e mais um pouco, e, acrescentando-se ao conteúdo a ser abordado na Educação Infantil, a brincadeira passará a ter funcionalidades a mais, ela será traga ao espaço escolar com outro olhar, com outra perspectiva. A corroborar com Brougère: “(...) É preciso conciliar a presença do jogo, que responde à necessidade da criança, e o objetivo educativo, que não deve ser abandonado (...)”. (1998, p.122). Como dito anteriormente, a característica essencial da brincadeira não pode ser perdida, ela tem que estar em consonância com a atividade a ser realizada, unir o conteúdo correspondente ao currículo da Educação Infantil ao ato de brincar.

O ato de brincar pode acontecer em diversos momentos de várias maneiras e com múltiplos materiais, não importando somente que a criança brinque, mas qual o sentido que isto vai lhe oferecer, ressaltando que isto vale tanto para brincadeira recreativa quanto para dirigida. A brincadeira faz parte da infância, é a marca presente nesta fase inicial da vida e, transportá-la para contexto escolar com mais de um sentido, além da recreativa, é (re)conhecer o valor da brincadeira no desenvolvimento da criança, da importância que tem o ato de brincar no processo ensino-aprendizagem. É primordial, para que seu trabalho dê certo, que o professor reconheça isto, pois ele é a peça chave para que tal atividade tenha bons resultados; não basta apenas ter uma teoria a ser aplicada, é necessário que o educador entenda como isto ocorre, que movimento é este, como ele deve trazer a brincadeira para o processo educativo. Como afirma KISHIMOTO¹²:

¹² Chefe do Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada da faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e professora Livre-Docente, responsável por cursos de pós-graduação e especialização na área de educação infantil e coordenadora do Laboratório de Brinquedos e Materiais pedagógicos da mesma.

(...) Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. Desde que mantidas as condições para a expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para brincar, o educador está potencializando as situações de aprendizagem. Utilizar o jogo na educação infantil significa transportar para o campo do ensino-aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora (...). (2002, p.36-37).

A partir desta citação percebemos quantos benefícios à brincadeira dirigida pode proporcionar à criança, como este meio pedagógico pode viabilizar, aprimorar as múltiplas cognitividades dos alunos. O educador, ao realizar atividades com teor lúdico, contribuirá às crianças uma gama de potencialidades, abrangendo, desenvolvendo suas capacidades físicas, motores, emocionais, sociais e cognitivas. Será um recurso que as crianças já conhecem, vivenciam, porém, com um teor diferencial, pois como já me referi anteriormente, o professor realizará brincadeiras educacionais juntamente com seus educandos, mas, acima de tudo, tendo como finalidade o educar fazendo tal atividade em contribuição de determinados pressupostos contidos no planejamento educacional da Educação Infantil. Direcionando a aula com uma outra dimensão, um outro olhar, tanto para o aluno quanto para o professor, o trabalho em aula se torna mais rico e com bons resultados. Dessa forma, a criança estará concomitantemente brincando e aprendendo, o seu processo de aprendizagem se dará fluente, pois, conforme as crianças vão jogando, realizando as atividades, aprimorarão seus múltiplos conhecimentos acerca deste.

Com a brincadeira dirigida visando o lúdico, estarão os educadores criando condições para diversos saberes de forma a desnaturalizar “nossas” práticas nos sistemas escolares. Trarão para a formação da criança, além do prazer incontestável que a brincadeira nos permite, um meio que conduz o conhecimento do programa escolar com outra face. Como defende Marcellino, sociólogo licenciado em Ciências Sociais, mestre em Filosofia da Educação pela PUC-Campinas e doutor em Educação pela UNICAMP (1989), *um indivíduo que remete aos padrões de produtividade social, um ser meramente reprodutivo, numa eterna preparação à vida adulta*. Não basta o docente (re)conhecer a importância do brincar, as teorias, teses, antíteses, sínteses e os objetivos remetidos nos RCNE.

Deve haver, por parte dele, a prática, a “ação (re)conhecimento” da brincadeira, que valorize suas dimensões no processo de aprendizagem durante a infância. Esse reconhecimento de suas experiências profissionais pode ser um caminho muito distante, atrelado de obstáculos, pois trazer outras visões, fazer reflexões diante de sua prática pode ser muito doloroso, porque muitas das vezes, os educadores “repetem” sua atividade docente que construíram a anos tendo dificuldade em renovar suas experiências, de adaptar aquilo que já sabem, de trazer novas concepções. O professor precisa estar disposto a mudanças, pois nada é inerte.

Há um texto que me foi apresentado, no curso de Formação Continuada em serviço, ministrada pela Professora Doutora Nívea Valença Barros, que se volta muito a este tema em relação à posição do professor: *Professor no Século XX*. O mesmo ressalta que “Tudo havia mudado completamente e o professor desanimava cada vez mais até visitar uma escola. (...) Tudo continuava da mesma forma: as carteiras, umas atrás das outras, o professor falando, falando... e os alunos escutando, escutando...”. A partir desta citação percebemos que o tempo passava, as coisas mudavam e a única coisa que permanecia intacta diante o tempo era a escola. Não objetivando um maior aprofundamento, pois não é este meu tema principal nesta pesquisa, mas indagando sobre este assunto, tudo influencia quando “nós”, professores, (re)pensamos nossa prática, acompanhando o progresso, a tecnologia, as novas concepções, pois assim, (re)avaliamos o que é melhor naquele instante, naquele período educacional para a criança e para nós mesmos. Relato isto pelo vasto conhecimento que pude adquirir em minhas leituras e através da vivência no meu trabalho de campo. É difícil para alguns educadores mudarem suas atitudes educacionais, suas técnicas que atualmente podem não ser consideradas tão atrativas como antes. Minha intenção não é a de mostrar se uma metodologia é melhor do que outra, mas sim, como se torna complicado repensar nosso trabalho e nos adaptarmos a novas mudanças que visem um melhor ensino para o universo infantil.

Ainda nos encontramos em uma sociedade atrelada por considerar a brincadeira como algo “não sério”; e o professor, muitas vezes, tentando trazer uma dinâmica para aula que envolva o lúdico - a brincadeira dirigida - acaba se “perdendo”, remetendo em seu processo educativo a perda deste caráter: o lúdico. Segundo MARCELLINO:

Raramente a atividade lúdica é considerada pela Escola, e quando isso ocorre, as propostas são tão carregadas pelo adjetivo “educativo”, que perdem as possibilidades de realização do brinquedo, da alegria, da espontaneidade, da festa. Ao invés do “riso poético”, a sisudez do realismo (...). (20005, p.85).

Os mestres se preocupam tanto em dar conta de ensinar todo o conteúdo, passar os conhecimentos para determinada série, ficando presos em seu tempo-espaço, que esquecem do lúdico. Mesmo preparando uma aula mais dinâmica, está o educador tão acostumado a este modo de pensar que o seu trabalho, muitas vezes, não envolve a ludicidade.

A brincadeira é muito mais do que uma simples atividade recreativa, a criança consegue de ela tirar muitos outros proveitos. O professor, trazendo a brincadeira como recurso em sala de aula, faz com que a mesma seja mais divertida, mais prazerosa, tendo possíveis metas favoráveis às suas perspectivas, pois se torna mais fácil alcançar a atenção da criança diante de alguma atividade diferente. A Educação Infantil é o primeiro contato das crianças com a instituição escolar, e é necessário que o objetivo principal não seja remetê-los a uma preparação para escola, mas sim, estar em contato com outras pessoas, sem ser família ou amigos já conhecidos, ter capacidades de interagir com outras pessoas, saber respeitar o próximo, desenvolver algumas motricidades, trabalhar o emocional, o social e a moral.

O brincar dirigido tem muitos pontos positivos para o desenvolvimento das crianças, mas como trazer esta nova maneira de aprendizagem para a Educação Infantil? Há muitos contratempos envolvidos para este melhor desenvolvimento, como ter um espaço favorável para atividades, ter materiais, sejam eles recicláveis ou não, pois até mesmo sendo feito de sucatas, para que ele seja construído tem que haver a colaboração de todos, o que favorecerá uma maior interação entre os alunos. Isso dependerá da filosofia da escola, qual o método desenvolvido nas turmas, se há o apoio dos pais e o modo como as crianças reagem a este tipo de atividade.

Na Educação Infantil, já que há no próprio cotidiano um tempo para a recreação, para o brincar livre, porque não trazer isto para uma nova perspectiva? Sendo o professor um “guia”, um auxiliador, um mediador, ele tem o papel de poder modificar, lutar por novas práticas de ensino, mas sempre visando à criança, o seu desenvolvimento. De acordo com os Referenciais Curriculares da Educação Infantil:

(...) Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a irritação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de

socialização, por meio de interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. (1998, p.22)

Encontrar pontos positivos na brincadeira intencional é indiscutível, há muitos pontos favoráveis para o desenvolvimento da criança. O brincar tem múltiplas faces, podemos utilizar este recurso em diversos momentos. Quais? O educador estará sempre na posição de observador, pois ele estará observando quais são os processos que a criança já desenvolveu e quais necessitam desenvolver. E é nessa visão que o professor irá fazer uma avaliação do que a turma realmente precisa.

Ao utilizar o recurso da brincadeira dirigida, não basta somente o profissional realizá-la, pois a essência da brincadeira tem que constar nas atividades propostas pelo próprio professor, o lúdico e a diversão não pode desaparecer nas atividades, senão perderão todo sentido; já que a brincadeira dirigida é um recurso para estimular a atenção da criança, fazer com que elas estejam de corpo inteiro na atividade proposta, é necessário que ele se sinta realizado ao fazer tal atividade, se entregue totalmente neste brincar. Além disso, o educador precisa reconhecer que a brincadeira dirigida, apenas, não dará conta de suas metas, pois ela é um recurso, seja para fixar alguma aprendizagem ou para iniciar uma nova proposta de cognitividades. A dialogar com FRIEDMANN:

Ao se enquadrar a atividade lúdica no contexto educacional, o educador deve ter seus objetivos bem claros. Assim, se pretendem ter um diagnóstico do qual o estágio de desenvolvimento em que se encontram essas crianças, ou ainda, conhecer os valores, idéias, interesses e necessidades desse grupo, ou os conflitos e problemas, é possível, a partir do jogo, ter esse amplo panorama de informações. Se, porém, o que pretende é estimular o desenvolvimento de determinadas áreas ou igualmente promover aprendizagens específicas, o jogo pode ser utilizado como um instrumento de desafio cognitivo. (1996, p.70).

O mestre tem que ter seus objetivos definidos, saber realmente o que pretende com a brincadeira dirigida. Como visto, com este recurso podemos aprender múltiplas cognitividades. E, ao fazer a atividade, devemos analisar se os princípios básicos da brincadeira estão acontecendo, se a aprendizagem que o professor queria remetê-los está sendo realizada. Será que

as crianças estão realmente mais envolvidas nas atividades, estão melhorando em seu processo cognitivo? Nem sempre um brincar dirigido pode proporcionar os objetivos pré-estabelecidos pelo professor, pois por mais que a essência seja o lúdico, às vezes a criança só toma parte desta atividade como diversão e não internaliza a real intenção daquela brincadeira. Por isto, a importância de o educador de estar sempre analisando, observando o processo de aprendizagem e seus resultados; isto irá depender da reação de cada aluno, de cada turma, de quanto eles estarão se envolvendo na brincadeira dirigida.

O profissional do ensino nunca deve perder este ato de observador, pois só assim poderá (re)avaliar as atividades proposta para a turma. Por isto, a importância de ter bem definido suas metas, seus objetivos no campo educacional. Sabe-se que a brincadeira é um condutor de aprendizagens, seja ela recreativa ou dirigida. A recreativa é uma brincadeira livre, não é definida pelo professor, há não ser o tempo que é administrado por ele. A dirigida tem cognitividades a serem alcançadas, há pressupostos a serem obtidos. Outro ponto positivo que esse recurso traz ao aprendizado é tornar o desenvolvimento das atividades mais agradável, mais significativo às crianças, pois dessa forma elas estarão múltiplas cognitividades. Há muitas maneiras de o professor fazer isso com a turma, como por exemplo, na brincadeira do boliche, posso estar trabalhando os números, a soma, a diminuição (quantos pinos faltam para poder cair no chão), a questão do espaço, do impulso para acertar os pinos. Não é porque em um livro didático está escrito algo que o professor terá que realizar igualmente com a turma, tudo irá depender de como está o amadurecimento da classe, quais são as dificuldades, o que é preciso exercitar mais, pois tudo é uma questão subjetiva, é no dia-a-dia que o professor vai colhendo tais dados e, assim, poder adotar alguma brincadeira intencional em sua turma. O modo a ser trabalhado são os mais variados possíveis, pode ser no pátio, na sala ou em outro espaço-físico, a escolha dependerá das condições do colégio e do professor. Há diversos pontos a serem definidos, se a brincadeira dirigida vai ser musical, de roda, de sucata, de material reciclável ou se a sala vai montar ser as próprias peças do jogo . O importante é ter neste processo a consciência de que a brincadeira pode e deve ser um meio, um recurso neste processo de ensino-aprendizagem. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

Por meio das brincadeiras os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular, registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como de suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais que dispõem. (BRASIL,1998, p.28).

Não há dúvidas dos benefícios que a brincadeira pode proporcionar à criança, por isso a proposição aos docentes para que cada qual reconheça as múltiplas faces da brincadeira e para que possam ser professores que permeiem este instrumento no âmbito da educação; por mais que haja dificuldades, é importante que, de alguma forma, a ludicidade seja inserida no corpo escolar, lembrando sempre da essência que a brincadeira pode proporcionar e como essa atividade pode mudar a produção das crianças, como pode facilitar tal aprendizado.

3. MAPEANDO ALGUNS CAMINHOS DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL, APRESENTANDO UM LUGAR: HISTÓRIA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE MARICÁ PROFESSORA ONDINA DE OLIVEIRA COELHO

Desde já se ressalta que não há nenhum registro sobre a história deste colégio. Segundo os funcionários, durante sua fundação houve um documento descrevendo um pouco da sua história, mas este documento, infelizmente, foi extraviado, perdido.

O Centro de Educação Infantil de Maricá Professora Ondina de Oliveira Coelho foi fundado em 20 de março de 2000 pelo Prefeito Dr. Luciano Rangel e pela Secretária de Educação, professora Maria da Penha Correia da Silva. Este colégio municipal foi nomeado por esse nome para fazer uma homenagem à professora deste município, Ondina. Ela já faleceu, mas pelos dizeres de alguns moradores e funcionários da escola, Ondina fazia parte de uma família tradicional desta cidade e era uma ótima professora; trabalhava também em uma outra instituição educacional muito conhecida neste município, o C.E. Elisiário Matta.

A escola Professora Ondina de Oliveira Coelho localiza-se na Rua Clímaco Pereira 259 – Centro, mas até se fixar nesta localidade já tinha passado por duas mudanças. Isto se dava, pois o prédio não era da Prefeitura, e sim, alugado. Hoje, a instituição se mudará pela quarta vez, mas agora de um modo diferente, já que o prédio pertence à Prefeitura e possui um espaço proporcional à quantidade de alunos. No antigo prédio, as salas eram muito pequenas, era difícil de trabalhar naquele espaço, até algumas salas eram improvisadas, adaptadas, umas eram em varandas, outras na garagem. Havia muito espaço para recreação, parquinho, então se conseguia trabalhar melhor. Esta mudança para o novo prédio ocorreu em 27 de agosto de 2008. A escola tem um lema que até hoje permanece: “Educando com carinho”; este foi feito em acordo com todos os funcionários do colégio, pois tudo que os mesmos realizam, tentam fazer em prol da escola e com apoio e participação de todos.

O colégio possui duzentos e sessenta e dois alunos, distribuídos em dois turnos, sendo sete turmas pela manhã e sete à tarde, atendendo ao 2º e 3º período da Educação Infantil. Os que não têm idade própria para entrar no 2º período são matriculados pela prefeitura, ficam na turma como ouvintes e, no ano seguinte, refazem o período. No próximo ano, 2009, a escola irá atender também a creches. A instituição possui quatorze professores, dois extra-classe, um orientador pedagógico, uma diretora, uma auxiliar de direção, uma secretária, uma auxiliar de secretaria, dois inspetores de alunos, três pessoal de apoio, oito serviço geral e dois vigias.

Esta escola tenta resgatar sua história, já foram à prefeitura, à câmara para pesquisar se há algum documento referente à instituição, mas até agora não obtiveram nenhum resultado, a única coisa que sabem é que a família da professora Ondina ainda reside em Maricá, mas continuam à busca pela sua história.

3.1 Embates em busca de novos meios/recursos escolares para o brincar

É preciso assegurar o direito de brincar, criar, aprender, enfrentando os desafios de pensar a creche, a pré-escola e a escola como instâncias de formação cultural; o desafio de pensar as crianças como sujeitos de cultura e história, como sujeitos sociais.
Sonia Kramer.

O corpo escolar, junto com os atuais professores, revela como foi à luta por uma escola lúdica, com um trabalho mais dinâmico, uma educação de acordo com a faixa etária das crianças. De acordo com as falas das professoras, quando elas chegaram à instituição, a Educação Infantil era tida como a alfabetização. Os educadores que já se encontravam no colégio acreditavam que as crianças tinham que iniciar a alfa reconhecendo todo o alfabeto, sabendo escrever o nome todo, tinha que ter caderno de caligrafia, usar lápis. Se isso não ocorresse, elas se consideravam mal professoras, como se não tivessem feito um bom trabalho; a culpa pelos pequenos chegarem na alfa e não saberem escrever ou ao passarem para a série seguinte sem saber determinado conteúdo exposto eram das mestres de ensino da Educação Infantil. Os professores que chegaram após e viram esta “tirania”, este método tradicional sendo aplicado em pleno século XXI, achavam isto um absurdo, algo inaceitável. Vendo isso, elas não podiam ser calar, tinha que fazer alguma coisa, caso ao contrário tudo o que elas aprenderam não serviria em suas práticas. As educadoras acreditavam que esta vontade de mudança, de achar que o trabalho delas não estava de acordo com a concepção de hoje, ainda mais em se tratando de crianças, poderia ser de sua formação mais recente, de um ser reflexivo e crítico mais minucioso. Pelos depoimentos, foi notável que esta transformação não foi tarefa fácil, os professores não aceitavam mudar seu modo de trabalho, ou ao menos adaptar algumas coisas em seus desempenhos educacionais, não aceitavam a brincadeira como intuito educativo, acreditava que isto não acarretava aprendizagens mais profundas, pois não utilizar o caderno em aula era inadmissível. Corroborando com ALMEIDA:

É muito comum ouvirmos dizer que “os jogos não servem para nada e não têm significado alguma dentro das escolas a não ser na cadeira de educação física”. Tal opinião está muito ligada a pressupostos da pedagogia tradicional, que excluía o lúdico de qualquer atividade educativa séria ou formal. (2000, p.59).

Além dos professores estarem imaleáveis, havia também a luta de provar para os pais que há outros caminhos, outros métodos a serem permeáveis nas turmas de educação infantil, o foco atual é na infância, na formação da criança. Isto não foi um trabalho fácil, todos os dois lados não “cediam”, não aceitavam que com a brincadeira podia aprender-se. Na fala da professora **AD**: *No início, os pais vieram para cá porque nas outras escolas têm caderno, está dando o alfabeto, o “BA- BE- BI- BO- BU”, aí agente teve que se posicionar em cima de autores, teóricos, pra falar que a pré-escola não é lugar para estar lendo , é lugar de estar brincando e aprendendo aos poucos.*

Essa luta vem desde 2002, “uma barreira difícil de derrubar”, mas, aos poucos, conforme foram entrando na instituição novos professores com esta mentalidade de mudança, por uma Educação Infantil lúdica, foi-se conseguindo mostrar como que com esse trabalho as crianças aprendem muito mais e se sentem melhor preparados, fazem com mais prazer à exigência de estar com caderno e lápis. Copiar todo o alfabeto que, muitas vezes, se torna sem sentido, para as crianças, todas aquelas letras, uma reprodução vazia de significados. Aos poucos, algumas professoras foram entendendo esta mudança de visão na educação infantil e as que não se adaptaram foram saindo da escola, por não “agüentarem” a pressão deste novo trabalho, desta nova metodologia.

Hoje as educadoras têm pleno apoio da instituição para a ludicidade, valorizando a experiência de cada um, por um trabalho inteiramente ligado a infância. Os pais, ainda hoje, não compreendem muito quando os filhos relatam que não fizeram nenhuma folhinha. Mas este é um trabalho minucioso, aos poucos vão se transformando as concepções, os objetivos, as mentalidades em relação à educação. A instituição, por sua vez, costuma sempre, ao fazer reuniões com os pais, explicar como são os meios, os recursos, os instrumentos a serem utilizados na Educação Infantil. E, além desta nova filosofia da escola, eles costumam se organizar todo ano

e a escolher um projeto para ser trabalhado com as crianças, tudo isto utilizando diversas brincadeiras, músicas, fantoches, materiais recicláveis, levando o lúdico a este espaço. Como diz Almeida: “É preciso, sem dúvida, reencontrar caminhos novos para a prática pedagógica escolar, uma espécie de libertação, de desafio, uma luz na escuridão (...) A educação lúdica pode ser uma boa alternativa”. (2000, p.62).

Em suma, a vida é cheia de mudanças, a cada dia nos deparamos com uma informação nova, com um conhecimento novo. E estamos aqui para aprendermos com nossas experiências, com o nosso trabalho do cotidiano. O professor tem que estar sempre refletindo sobre sua prática escolar, a cada dia há uma nova geração, novas mentalidades, novos conceitos e não podemos ficar “parados no tempo”, temos que andar junto à nossa realidade. E, assim como esses professores, que chegaram à escola e perceberam que não era assim que eles desejavam trabalhar, pois tinham uma outra visão da educação infantil, lutaram por mudanças, não aceitaram ou ficaram no conformismo. E é dessa forma que tem que ser, devemos lutar por nossos objetivos, por nossas metas. Atualmente, a escola tem uma outra filosofia, especialmente este ano, estão trabalhando muito menos com a cópia, sem caderno de caligrafia e trazendo a brincadeira em suas múltiplas formas para dentro do espaço escolar, reconhecendo que, com o ato da brincadeira, a criança pode aprender diversas cognitividades.

3.1.1 Registrando a utilização de um espaço escolar

É necessário que o educador insira o brincar em um projeto educativo, o que supõe ter objetivos e consciência da importância de sua ação em relação ao desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Tânia Ramos Fortuna

Em todo meu trabalho no Centro de Educação Infantil de Maricá Professora Ondina de Oliveira Coelho, deixou bem exposta a luta e conquistas por uma educação infantil de acordo com suas peculiaridades e o respeito à subjetividade de cada um. Uma educação dirigida inteiramente à infância, tendo o direito de ser cuidada, de aprender novas cognitividades e ter um ambiente, ou melhor, apropriar tempo e espaço ao lúdico, à brincadeira livre e à dirigida.

O desejo dos professores e do corpo escolar é por crianças que ousem em suas criatividades, em suas imaginações e que a brincadeira esteja sempre presente, pois é neste nível que se encontra o momento de brincar, de se poder aprender com a brincadeira, com a ludicidade, tornando o aprendizado mais fácil e, até mesmo, mais significativo, por fazer parte da cultura dos pequenos.

No referido colégio, depois de grandes conquistas, há um recorrimento a todos os instrumentos e meios possíveis na aprendizagem das crianças, todos os momentos são decorridos de alguma forma de aprendizagem, eles tentam aproveitar a cada instante. Os professores deixaram, em seus planejamentos pedagógicos, o caderno de caligrafia de lado, e pôs-se a criar maneiras diversificadas que trouxessem algum benefício ao desenvolvimento dos pequenos. Tudo agora é pensado na criança, em como estão reagindo a tal atividade, se esta nova filosofia da escola, o lúdico, está tendo resultados de um bom desenvolvimento na vida escolar do aluno. Por se tratar de uma instituição pequena, alguns professores acompanham determinadas crianças do colégio, podendo observar, por exemplo, um aluno que está no 2º período e passa para o 3º e como se dá o seu processo educacional, como está se desenvolvendo, podendo criar, até mesmo, um laço de amizade entre professor, os pais e os educandos. Ressalta-se que este desenvolvimento não se refere a escrever e a ler, pois sabemos que este objetivo é referente à alfabetização, é nela que os estudantes terão um acesso direto de como juntar as letrinhas, de

como formar palavras, seja qual for o método adotado pela escola. Com a Educação Infantil veremos o desenvolvimento motor, o emocional, a autonomia e, assim, observaremos se o processo atual da escola está ou não “atrapalhando” o aluno, já que anteriormente os professores mais antigos acreditavam que este novo trabalho atrapalharia o desenvolvimento do educando e que a brincadeira era simplesmente uma recreação e não traria nenhuma aprendizagem notória. Os educadores, ao começarem com esta nova filosofia, não podiam deixar de lado esta hipótese, mesmo tendo se formado recentemente e tendo por base para sua formação, teóricos que defendam a tese do lúdico, pois o método tradicional esteve presente por muito tempo e nem por isto as crianças deixaram de aprender a ler e a escrever. Mas, até agora, a instituição está tendo resultados satisfatórios e, por isso, firmaram esta filosofia.

O processo pedagógico do colégio, este ano especificamente, trabalha o mínimo possível com o manuseio do lápis e com deveres para casa. Os trabalhos, em que são usadas folhas, são de colagem com múltiplos materiais, abordando algum conteúdo; ao se explicar sobre quantidade, por exemplo, os alunos colam em forma de canudo um quatro e depois recortam em revistas a quantidade quatro. Eles mesmos recortam, colam, tudo isto, em pró ao seu desenvolvimento. Diante disto, a professora **RA**¹³ em sua fala relata: *A gente trabalha com folha, mas com papel picado, com EVA, cola colorida, palito, canudo, tinha guache. Assim, não utiliza a folha para a criança fazer cópia e sim, trabalhar outras formas de suas cognitividades. Este trabalho está em torno há uns dois anos, mas este ano que está no ápice, todos os professores estão reunidos nesta nova fase da escola, preocupados em sua forma de trabalho, de não estar ultrapassando o desenvolvimento das crianças, ou seja, de não estar avançando as fases do desenvolvimento da criança. Cada criança tem seu tempo de superação, de aprendizagem. Assim, temos momentos propícios a cada aprendizagem, mas nada disso nos impede de irmos avançando nas cognitividades, isto dependerá de cada indivíduo, de cada estímulo a ser desenvolvido pelos professores, pela família e pelo cotidiano de cada criança.*

¹³ Com a intenção de resguardar a identidade dos sujeitos que fizeram parte desta pesquisa, refiro-me a eles da seguinte forma: **AL, AD e RA.**

Na escola professora Ondina de Oliveira Coelho há uma preocupação muito grande no desenvolvimento da criança, e atualmente, a instituição favorece a brincadeira, pois acreditam que assim as crianças se interessam mais, se envolvem inteiramente na atividade, aprendem de uma maneira mais leve, sem tanta tensão e cobrança. Só após dar uma atividade lúdica, que os professores dão folhinhas, mas de uma forma diferente. Como me referi acima, não se deve utilizar folha para reforçar a escrita, na utilização de cópias, mas sim, para trabalhos manuais e pesquisas.

Pelo que pude perceber enquanto acompanhava o trabalho das professoras durante a realização desta pesquisa monográfica, existe também o momento da escrita, mas agora não mais com aquela cobrança que havia anteriormente, sem a utilização do caderno de caligrafia, segundo elas e minhas observações no ano anterior. Os alunos assimilam algo através dos murais, dos trabalhos que eles próprios fazem, das músicas, das brincadeiras e, com isso, vão aprendendo no decorrer do ano, sem pressa. O professor vai trabalhando de acordo com a necessidade de cada um, auxiliando na aprendizagem dos mesmos.

Ressalto que, em minha primeira visita, avistei um trabalho das crianças de 2º período muito interessante e diferente. A partir da brincadeira de massinha, a professora **AD**, utilizou esse recurso para as crianças trabalharem a vogal e, não obstante, trabalhou também as cores, o tamanho de cada vogal, a autonomia e a concordância de opiniões. Primeiramente, as crianças tinham que ter uma noção de tamanho, pois as vogais seriam postas em uma folha de papel de ofício e tinham que fazer cada uma delas em tamanhos proporcionais. Partindo disso, a turma decidia qual cor seria a primeira vogal e assim cada um ia fazendo e colando na folha de ofício. Numa única atividade, a criança estará aprendendo múltiplas percepções, neste caso, a atividade foi para lembrar as vogais de uma forma mais divertida, mais dinâmica, pois eles estavam retornando das férias de julho e como o trabalho deles não é especificamente do letramento, os professores procuram alternativas que proporcionam este desenvolvimento das crianças buscando incluir conteúdos como, por exemplo, perceber tamanhos, formas e cores diferentes. Os educadores, mesmo numa concepção lúdica, de ter em mente que a Educação Infantil não é só uma preparação para a alfabetização, trabalham o nome, as vogais, mas de uma outra forma, até porque, diante a fala da professora **AD**, o espaço, o ambiente é totalmente letrado; ao olharmos

em torno do colégio, observamos cartazes, tem-se o alfabeto e, assim, a criança vai aprendendo, de uma forma mais dinâmica, sem pressão; uns vão sair sabendo escrever o nome e outros não, mas isto é subjetivo, cada um tem seu tempo de aprender e este momento tem prioridade na alfabetização, esse é o momento da criança sair sabendo escrever e ler, mas nada os impede de aprender antes, esta é uma cognitividade que podemos dizer que é facultativa, pois a educação infantil, como refere-se o RCNEI, tem outras metas:

(...) a educação pré-escolar tende, na maioria dos países, a se descobrir e a se afirmar como uma entidade original que tem uma vocação própria, que não é substituída da família, nem antecipação da escola (...) As aulas perdem seu aspecto convencional. Cultiva-se a autonomia da criança e diversificam-se as modalidades de reagrupamento (pequenos grupos) dando mais importância à escolha dos pequenos. De outro, a busca de uma maior eficácia em vista de objetivos mais bem definidos. Trata-se de fazer da educação pré-escolar uma fator de igualdade de oportunidades, dando um espaço maior às aprendizagens de tipos cognitivos. (BRASIL,1998, p.182).

A Educação Infantil mudou seu foco, não é mais um lugar assistencial, de cuidado, de preencher o que está faltando ao aluno e, sim, preocupado em sua formação, em sua autonomia, nas regras os quais nos deparamos com a vida, pois é uma experiência para a vida e não uma preparação a alfabetização. Em minha trajetória escolar, segundo meus pais, não me recordo muito bem, mas a professora foi conversar com minha mãe que eu não ia bem à escola, não sabia escrever meu nome. Para meus pais isto não podia ocorrer, assim qual foi à prática deles? Ficar em casa me exercitando, a fazer cópias. Não me recordo de escrever diversas vezes o meu nome e sim, lembro que meu pai me obrigava a escrever os números de 0 a 100. Odiava fazer isto, era entediante, nunca entendia o porquê disso e, até hoje, não vejo muita funcionalidade. O que eu gostaria de mostrar com isto é que ainda nos deparamos com este tipo de prática tradicional. Tudo tem seu limite, tudo tem seu tempo. Numa das reuniões a conversar com outros pais, minha mãe foi descobrir que as outras crianças também tinham dificuldade de escrever o nome. Então se pressupõe que a professora, não querendo julgá-la, mostrou que ela teve uma atitude precipitada, deixou meus pais preocupados e eu acabei fazendo diversas cópias, acabei aprendendo sim, mas aquele não era o momento e, mesmo que fosse, o modo como isto foi feito foi muito rude, pois fui muito pressionada. Essa minha história deve fazer parte de muitas histórias sobre crianças pequenas inseridas na educação infantil, por isto, a importância de se discutir, refletir e ressaltar a importância de atividade lúdica no contexto escolar, no ato de aprender brincando, pois, dessa

forma, a aprendizagem ocorrerá de forma natural, no contato com o ambiente agradável, com outras pessoas, com o mundo a nossa volta ao olhar uma placa, um cartaz ou um rótulo, por exemplo.

Com a brincadeira, a criança aprende de forma livre, é uma aprendizagem não formal, como estamos acostumados a nos deparar em sala de aula, pois é uma atividade totalmente lúdica, que atrai a criança, que as encantam. As professoras deste colégio utilizam a brincadeira dirigida seja para fixar tal cognitividade seja para iniciar um novo conteúdo para depois partirem para uma atividade “mais séria” em aula, a criança a partir daquela brincadeira já estará adquirindo alguns pressupostos de tal cognitividade.

Em meus encontros no colégio, deu para notar que a dinâmica das turmas do 2º e 3º período é um pouco diferente em relação à brincadeira intencional. No 2º período a brincadeira dirigida ocorre com mais frequência e com múltiplos conteúdos; no 3º período há esse processo, mas acerca das áreas de matemática e de linguagem. A brincadeira dirigida neste último é muito limitada a tais conteúdos, fica muito reduzida, enquanto que no 2º há uma gama de brincadeiras dirigidas que abrangem diferentes conteúdos e conceitos numa relação mais interdisciplinar. Não somente a isto, no 3º período, mesmo não acatando o caderno de caligrafia, já há uma iniciativa de letramento, as crianças fazem cópias do alfabeto e do nome durante o dia, porém, esse não é o foco que quero destacar neste trabalho, pois não estou discutindo a alfabetização em si, mas as brincadeiras como uma das possibilidades para tal. O que gostaria de destacar é que a escola passa por mudanças, esta tentando se adaptar à filosofia do “lúdico”. Os professores têm esta preocupação com a ludicidade e com a brincadeira de forma dirigida, reconhecem a sua importância no processo de aprendizagem dos discentes. Foi unânime a repostas das professoras entrevistadas a considerar como é importante a brincadeira dirigida e todas elas apontaram mais pontos positivos do que negativos.

Exponho neste momento algumas partes das respostas produzidas pelas educadoras em relação aos pontos positivos ou negativos relacionados à presença da brincadeira como metodologia escolar:

Resposta da professora **AD**: (...) *Um ponto positivo é que vai desenvolver muita coisa, desenvolve desde a motricidade, da linguagem oral da percepção, então abrange todo o desenvolvimento dele. Ponto negativo eu não vejo nenhum a não ser a falta deles na escola ...*

Resposta da professora **RA**: *Eu acho que os aspectos positivos é que a criança aprende de uma forma muito melhor e facilita nosso trabalho depois em sala de aula quando ela vai representar esta aprendizagem em sala. Um aspecto que poderia ser negativo é que o jogo, para o pai, para quem está de fora não é algo concreto, então pode ser que o pai chega em casa e pergunta: O que você fez lá na escola? Ah! Eu brinquei de amarelinha. Puxa você ficou o dia inteiro brincando de amarelinha, não fez nada, nenhuma folhinha? Então, os pais ainda não têm esta noção que brincando está aprendendo. Esse seria não um aspecto negativo e sim, uma falta de compreensão (...).*

Resposta da professora **AL**: *Positivos é que a criança aprende mais rápido, com mais facilidade. Aquele que tem dificuldade assimilar eles assimila mais rápido. E como repeti, a brincadeira tem todo um tempo melhor e maior para poder aprender. Eu acho que é negativo no começo, se a turma for agitada, pode ser difícil de concentrar, toda a hora tem que chamar atenção.*

É louvável destacar que todas consideram a brincadeira dirigida como um recurso positivo na Educação Infantil, pois assim, as crianças assimilam mais rápidas e compreendem melhor as cognitividades. Em certo momento as professoras mencionaram a dificuldade dos pais entenderem que com a brincadeira as crianças também estão aprendendo, que não precisa necessariamente o aluno estar fazendo dever em aula para estar desenvolvendo alguma cognitividade. Com a brincadeira se aprende muito, por exemplo, a escolher a regras e estas têm que estar em comum à turma toda, os pequenos aprende a ceder, a perder, a ter autonomia, a trabalhar em grupo. e, um ponto negativo talvez, seja pela falta das crianças no colégio, pelo fato do trabalho não render quanto a professora desejava e o tumulto que muitas vezes acontece, há uma maior pressa, maior agitação. Isso implica num certo domínio de turma por parte da

professora, pois estar realizando uma brincadeira não significa promover um ambiente de caos, mas um ambiente agitado, pois há alegria e prazer. O professor precisa conduzir a atividade norteando as crianças para uma integração, fazendo com que ela preste atenção no que está sendo proposto, permitindo que ela opine se expresse verbal ou fisicamente.

A brincadeira dirigida, quando possui o intuito de socialização, é praticada por todas as educadoras, elas acreditam que assim as crianças vão conhecendo umas as outras melhor, vai havendo um maior contato entre elas. Esse momento acontece, primordialmente, no início, no meio e ao final do ano letivo, pois é quando os educandos entram de férias e há um maior distanciamento entre eles; com isso, muitos ficam com vergonha, tímidos e o brincar irão estimular a interação entre eles. Essa brincadeira, na maioria das vezes, são as cantigas de roda e acontecem diariamente.

Pude observar também que existem outros momentos lúdicos que não se imitam a brincadeiras, pois, todos os dias a música se encontra sempre presente seja para entrar em sala, para lanchar, na saída, para lavar as mãos ou para escovar os dentes. Estas dão um maior incentivo às crianças para estarem nesta rotina e com tais regras, é música que as levam a alguma forma de comportamento. As canções geralmente são pequenas e de fácil memorização, elas incentivam a criança a ter mais educação. É interessante observá-las, pois assim elas fazem as atividades com prazer, vão todas cantando, no trenzinho; os pequenos vão (re)conhecendo alguns princípios de nossa sociedade. A música, neste colégio, não somente trabalha a interação, a socialização e alguns princípios básicos de todo cidadão. Numa das visitas, a professora **RA** trabalhou com as crianças a música “Minha boneca de lata”, de Bia Bedran, que incentiva as crianças além da socialização também a movimentação, as partes do corpo, o número, a memorização e a seqüência. É uma canção onde a boneca cai e bate alguma parte no corpo no chão, assim ela tem que fazer operação em tantas horas, e cada hora é uma parte do corpo diferente. As crianças curtem muito, estão em pleno movimento, estão livres, fazem essa atividade com prazer. Há diversas brincadeiras dirigidas musicais que as professoras ensinam seus alunos e que desenvolvem o interacionismo, perpassando outros conhecimentos acerca deste. Há também uma outra música que as educadoras trabalharam que tratava sobre os dias da semana. Em minha infância, essa foi uma das maiores dificuldades, pois parecia que o dia

começava na segunda-feira, já que o colégio, o serviço iniciavam neste dia e, com esta canção isso pôde facilitar, pois ela mostra quantos dias a semana tem, quais são eles, dentre outros saberes que ia adquirindo. A referida professora, em toda brincadeira dirigida, parte para um outro tipo de trabalho, nos dias da semana, por exemplo, todo dia pergunta aos estudantes qual é o dia da semana, quantas meninas e meninos há em sala e, assim, a criança vai aprendendo, vai internalizando aquele saber, ela vai observando que um dia é subsequente ao outro. São formas de ensinar que trazem sentido e significado para as crianças, a compreensão é mais ampla. Assim, unindo música e brincadeira a professora vai promovendo um ambiente rico em aprendizagens.

Dessa maneira, os educadores tentam fazer da sua aula, a mais lúdica possível, a mais dinâmica. É claro que terão momentos e momentos, nem toda hora é instante da brincadeira, mesmo sendo intencional. Há o momento da reflexão, do pensar sobre o que eles fizeram, de fazer alguma atividade em aula que complemente a brincadeira dirigida. É atividade interligada ao brincar, que acrescenta no desenvolvimento da criança; são processos a serem estimulados a um objetivo pré-estabelecido, de acordo com as metas daquele nível educacional. Corroborando com FRIEDMANN:

(...) Pensar na atividade lúdica enquanto um meio educacional significa pensar menos no jogo pelo jogo, mas no jogo como instrumento de trabalho, como meio para atingir objetivos preestabelecidos. Através do jogo a criança fornece informações, e o jogo pode ser útil para estimular o desenvolvimento integral da criança e trabalhar conteúdos curriculares. (1996, p.17).

A brincadeira dirigida se torna ao profissional do ensino um instrumento que estimula tais cognitividades nas crianças, um meio a favor de uma maior compreensão no desenrolar das atividades pedagógicas. Afinal, quem não gosta de brincar? Tratando-se de crianças percebemos que o brincar é o processo de sua infância, elas costumam, na maior parte do tempo, estar brincando, seja de casinha, de carrinho, jogos de montagem, jogos de tabuleiro ou de pura imaginação, elas têm esta essência de já nascerem brincando. O colégio estimula diversas brincadeiras, tanto a recreativa quanto a dirigida. A recreativa são momentos que acontecem dia-a-dia, sempre que dá para ter essa atividade, os professores a realizam. A professora Ondina, devido ao espaço, é um pouco difícil realizá-las, as salas são muito pequenas, algumas são uma dentro da outra e em toda brincadeira há uma maior difusão do som, podendo atrapalhar a outra

aula do lado. O pátio é espaçoso, mas é preciso ter um acordo entre os professores na questão do horário a ser utilizado, pois têm sete turmas com base de 20 alunos cada. Não existe condições, é muito aluno para tomar conta pois, mesmo sendo brincadeiras livres, o educador tem que estar presente observando, percebendo como eles estão se interagindo, como são as brincadeiras escolhidas por eles e, dessa forma, conhecê-los um pouco melhor, pois este é o momento em que as crianças ficam totalmente livres, as regras, o tipo de jogo ou quem vai brincar com quem são eles que escolhem.

O mestre educacional tem que saber administrar sua aula, ter consigo metas definidas, esclarecidas em seu “interior” para definir suas prioridades enquanto aprendizagem naquele nível. Partindo deste pressuposto, ele precisa escolher os recursos que acha adequado àquela turma. A brincadeira é um meio a ser trabalhado, como referi anteriormente, mas são necessário que haja recursos, algumas condições mínimas para esse processo acontecer e, muitas vezes, isto é um pouco complicado. É o caso deste colégio, mas como afirma FRIEDMANN:

Na escola é possível planejar os espaços de jogo. Na sala de aula, o espaço de trabalho pode ser transformado em espaço de jogo, podem ser desenvolvidas atividades aproveitando mesas, cadeiras, divisórias etc. como recursos. Fora de sala, sobretudo no pátio, a brincadeira “corre solta” e atividade física predomina. (1996, p.16).

Com isso o educador, além de todo processo no seu planejamento, precisa ser uma pessoa criativa, utilizando a imaginação para tal atividade acontecer, recorrendo a todos os objetos que tem acesso seja na sala, do professor ao lado, do pátio ou do corpo escolar. No Ondina, há um consentimento entre os educadores na questão da utilização dos materiais, como o áudio-visual, os jogos de dominó educativo e na própria utilização do pátio. A brincadeira diante os professores é um recurso diário, eles a consideram muito importante para a formação da criança e não abrem mão deste recurso e, mesmo com algumas dificuldades, eles tentam adaptá-la, tornando o trabalho mais flexível. As brincadeiras dirigidas podem até ser iguais ou repetidas, mas cada momento será diferente do outro, as atitudes vão se diferenciando e, assim, se amadurecendo a tal desenvolvimento.

Uma outra prática realizada pelos professores foi a da **AL**, do 3º período. Para tal brincadeira dirigida utilizou sucatas, materiais recicláveis. A princípio, quando notei o material logo indaguei que ela o utilizaria para a matemática, no boliche, trabalhando os números. Tive esta primeira impressão, pois vi diversas latas (achocolatado, leite) e em cada rótulo havia números e uma bola. Engano meu, a brincadeira dirigida realmente foi um recurso utilizado a priori na matemática, mas trabalhando não somente os números, como também a quantidade, as cores, a percepção, a atenção, o movimento com o corpo e o espaço. Isso, a meu ver, é fazer da brincadeira um momento educativo. Isso é, para mim, brincadeira dirigida, pois não se limita a estar a serviço de um tema específico, no caso o aprendizado dos números, mas avança para diferentes aprendizados. Nesta brincadeira há múltiplos aprendizados e um objetivo educativo. Eles não estavam brincando somente por brincar, mas brincavam para ampliar o universo de conhecimentos necessários para o entendimento de conceitos que perpassam vários conteúdos do programa da educação infantil.

Dentre todos meus encontros neste colégio, percebi que numa só brincadeira dirigida à professora tenta explorar ao máximo suas múltiplas cognitividades, mas tentando não perder a essência da brincadeira, que é o sentimento do prazer, o trabalho lúdico, uma atividade consistente num aprendizado rico onde a criança esteja presente de corpo e mente.

O referido brincar dirigido iniciou-se com uma apresentação do material e me surpreendi novamente, cada lata continha um número de uma cor e, ao lado, a quantidade que representava aquele número; o professor, para tornar aquilo à criança como algo mais concreto, utilizou também como quantidade tampinhas dentro da lata; por exemplo, a lata continha em seu rótulo o número quatro, então havia quatro tampinhas de uma só cor. O trabalho revestido na ludicidade é bem dinâmico, interage a turma por completo, todos têm que estar bem atentos. Uma forma de aprendizado que a professora **AL** utilizou com esse material foram: ela entregava para uns as tampinhas e, para outros, a lata com rótulo identificando a quantidade; assim, ela perguntava ao aluno quantas tampinhas que ele tinha em mãos e o educando que estivesse com a lata de acordo com a quantidade da tampinha tinha que se pronunciar. Além disso, trabalhava-se também com a escrita, pois em seguida os estudantes tinham que escrever o número em uma folha de papel ofício para poder identificar se realmente sabiam que número era aquele representado na lata.

Esse recurso foi utilizado pela educadora realmente para poder observar como a turma estava e, dessa forma, poderia avaliar um por um, pois todos trabalhavam de forma lúdica, brincavam. Assim, a professora iria perceber quem está com dificuldades, quem sabe reconhecer os números, sem ser na seqüência “1,2,3.....10”, podendo saber os números alternados. Esta foi uma manhã de jogos para fixação e para se notar como está o andamento da classe. Em um só jogo, puderam-se trabalhar diversas coisas e, como os alunos já tinham conhecimento dos saberes interligados ao jogo, o processo foi mais rápido e de forma prazerosa, pois as crianças curtiam o que estavam fazendo, não perdendo a essência do que o jogo lhes oferecia. Ressalto que a turma a qual observava estava bem entretida no trabalho, mas como foi em sala de aula e o espaço era pequeno, a classe ficou um pouco agitada; o ideal para a realização desta atividade seria num espaço maior, onde o som não se propagasse tanto, pois o local era muito pequeno, até mesmo para todos terem uma visualização maior do que estava acontecendo e, dessa forma, podendo até ter uma maior produtividade.

Outra questão a ser mencionada é que este jogo não pôde demorar muito já que outra professora iria utilizá-lo e isto atrapalhou um pouco o desenrolar das atividades, pois o tempo foi restrito. A professora **AL** conseguiu trabalhar muitas cognitividades neste pouco tempo, mas acredito que o ideal fosse ter um maior espaço-tempo, pois ela teve que apressar algumas atividades por conta da outra educadora querer utilizar o mesmo objeto de incentivo ao aprendizado. Esta professora, em sua prática, percebeu a união da necessidade do brincar à criança e do prazer a uma atividade escolar, como BROUGÈRE defende: “(...) Por trás do jogo surge, então, uma dupla ação de um lado propor às crianças jogos dirigidos coletivos, de outro, dar aos exercícios um caráter divertido e atraente para aproximá-lo do jogo (...)”. (1998, p.145). Está diretamente ligada a uma atividade dirigida, com intuito pedagógico, a questão do prazer e essa interligação faz com que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de maneira mais concreta, a criança associa mais rápido as questões. A aula da professora **AL**, por exemplo, em sua fixação da matemática, não houve somente o processo da soma e dos antecessores e sucessores. A docente entregava a lata a alguns alunos, pois a numeração só ia até cinco, e assim chamava fulano com número quatro, e ele tinha que colocar na ordem de acordo com os números postos, caso o número antecessor ainda não estava posto tinha que deixar um espaço.

Ao fazer esse trabalho lúdico com a criança, a mesma tem uma visão maior do que sejam números antecessores e sucessores, passando de algo abstrato para o concreto; existindo também esta associação entre o número e a quantidade, faz com que haja um maior esclarecimento do que seja este número, o que é o número 2, o que isso representa. Quanto à soma, a educadora pensou nesta maneira, fazendo com que a criança (re)pensasse sobre quanto falta, por exemplo, para somar seis, ou quais os números de um ao cinco que somados dão 7, 8, 9 e 10. O jogo está presente em forma de aprendizado, com uma ou mais intencionalidade por detrás daquela brincadeira, como o autor BROUGÈRE nos remete: “(...) o jogo faz parte da instrução, tem um valor, mas é controlado em uma lógica do artifício pedagógico (...)”. (1998, p.56). O professor encanta as crianças para tal atividade, é uma forma para atraí-los aos fazeres de uma forma não tão tensa, pois se trata de crianças, estão iniciando esse processo de ensino-aprendizagem, tudo há seu tempo e é bem mais gostoso aprender brincando do que estar sentado numa cadeira, enfileirados.

Ao ressaltar sobre os números, sobre as atividades propostas por esta educadora, lembrei-me da entrevista com a professora **AD**, quando esta falou do trabalho feito a partir de uma história; o mesmo fez com que as crianças participassem daquele contexto, vivenciassem e trabalhasse os números, especificamente a quantidade. Em sua fala ela dizia: (...) *eu comprei um livro e através dele tinha uma história: uma criança que ia À feira com a mãe e eu fiz todos os legumes da feira agente montava uma barraquinha na sala e aí eu ia lendo a história e cada grupinho ia fazendo a feira, tinha que pegar a quantidade que eu falasse*. O que eu gostaria de colocar como relevante é que se pode trabalhar o mesmo conteúdo maneira lúdica diferente, esta atividade aqui mencionada, também pode ser considerado uma brincadeira, pois envolve um simulacro, uma repetição, na fantasia de uma situação que se aproxima da realidade, mesmo que não tenha ainda sido vivida pela criança. E seria um brincar sem perder suas características, sem tirar o encantamento que a brincadeira possui, pois jogo que é jogo tem que haver prazer, divertimento na atividade; quando passa a ser um trabalho onde os pequenos fazem por fazer, não é mais uma brincadeira, perde todo seu sentido e objetivo. A brincadeira dirigida tem o intuito de chamar atenção das crianças, de forma a fazer com que eles queiram participar com prazer da atividade. Como diz FRIEDMANN:

Há um aspecto ao qual se deve dar especial atenção ao se trabalhar com o jogo de forma mãos conscientes: o caráter de prazer e ludicidade que ele tem na vida das crianças. Sem esse componente básico, perde-se o sentido da utilização de um instrumento cujo intuito principal é o de resgatar a atividade lúdica, sua espontaneidade e, junto com ela, sua importância no desenvolvimento integral das crianças. (1996, p.56).

É notável ressaltar que, no início, antes de conhecer a história deste colégio e ao fazer meu trabalho de campo, eu não acreditava tanto no processo educacional desta instituição, seja ao seu espaço micro, seja por não haver um refeitório adequado, pelas salas serem uma dentro da outra, dentre outros fatores. Mas o meu olhar foi mudando, ao analisar, refletir sobre suas práticas, fui percebendo que por mais que haja obstáculos e que não tenha subsídios adequados às necessidades de seus alunos, o docente pode fazer muita coisa, basta querer e ter força de vontade. Nesta escola, ao conhecer sua história e ao acompanhar os docentes e discentes em ação, percebo o amor pela profissão, o não conformismo, o desejo por mudanças, o querer mudar, modificar. E a brincadeira foi uma busca, uma luta para alguns professores no (re)conhecimento desta prática, da importância que o brincar tem no desenvolvimento do aluno e da conscientização dos educadores diante deste assunto. Não basta dizer que “isto é correto”, que “assim pode ser melhor”, tem que haver um respaldo, até mesmo diante aos pais, como justificar, dar uma maior relevância à brincadeira sem um conhecimento atrelado a este tema. Esses professores sabiam fundamentar a importância do brincar, mesmo que não se referisse a algum teórico, especificamente, eles internalizaram a relevância de trabalhar com ludicidade na educação infantil, posso afirmar que eles trabalham de forma consciente com a brincadeira dirigida. Além disso, ter uma prática associada à teoria é muito louvável, a prática tem um embasamento, um teor teórico, não se está fazendo algo por fazer ou porque um ou outro disse que é o melhor, pois o professor é um constante pesquisador, nada é imutável.

A escola Professora Ondina de Oliveira Coelho detém uma atenção muito grande na produção das crianças e para com trabalho na sociedade e com a família. Sempre que possível, dentro no calendário escolar, a instituição faz exposições dos trabalhos das crianças, havendo uma maior interação com a comunidade. Pode-se mencionar, por exemplo, o dia do folclore, onde os estudantes trabalharam parlendas, frases, lendas, cantigas de roda, trava-língua e brinquedos folclóricos. Neste dia, ainda houve participação de uma moradora do município numa contação de histórias, uma palestra sobre higiene e outros. As produções das crianças estavam

lindas, elas fizeram “boitatá” com material reciclável, fizeram a vitória régia, o saci, o bumba-meu-boi, tudo numa forma bem lúdica, aprendendo e confeccionando objetos, aprimorando seu manuseio com a tesoura, com o papel, com o sentido, a forma. As festas são também momentos lúdicos. Vale ressaltar que é muito significativo para os alunos participarem deste tipo de eventos, pois eles são os produtores, são obras feitas por eles, e o brinquedo, mais uma vez, faz parte destas múltiplas aprendizagens e construções. O que há de mais prazeroso, além de poder brincar, é poder fabricar seu próprio brinquedo. A expectativa do educando para fazer com que seu brinquedo ficasse pronto junto ao conteúdo dentro do planejamento escolar, e mais, feito tudo com material reciclável ou de fácil acesso, como por exemplo, no dia do folclore, eles chegaram a fazer o cavalinho de pau e a peteca. A brincadeira, nesta instituição, sempre está presente de alguma forma, os rodeando, seja ela recreativa ou dirigida. Levar o aluno a ser construtor de conhecimento, ser participativo, autônomo, reflexivo. Esses são objetivos que, a todo tempo, ouvimos em nosso processo de formação docente. Voltando a falar do brincar, trago um texto de FRIEDMANN que diz:

Os jogos escolhidos podem ser aplicados como desafios cognitivos que “desequilibram” (nos sentido piagetiano) as estruturas mentais das crianças, com o intuito de promover avanços no seu desenvolvimento. Da mesma forma, a escolha de jogos dirigidos pode ser feita com propósitos claros de dar acesso a conhecimentos específicos: matemáticos, lingüísticos, científicos, históricos, físicos, etc. (1996, p.72).

Dessa maneira, a escola tende a trazer as brincadeiras no sentido de levá-las para as crianças como um desafio, obstáculos a serem derrotados, a promover avanços em seu desenvolvimento e, fixando algum conteúdo já dado, as crianças partem de um conhecimento prévio. Um outro sentido é introduzir determinado conteúdo a partir do brincar, como aconteceu no dia do folclore, em que eles fizeram o brinquedo e a partir dele foi-se aprender o que é brinquedo folclórico, o que são lendas, parlendas.

Para finalizar, citarei mais um exemplo de brincadeira dirigida. Este, como parte de iniciação de um conteúdo com as crianças, fazer com que o mesmo tenha sentido a elas, tornando-se um aprendizado facilitador e que sejam conhecimentos concretos para os pequenos,

elas estarão ali pondo em prática o que a professora deseja passar como conteúdo, para depois em sala de aula fazer algum tipo de trabalho já tendo um conhecimento a partir da brincadeira. A fala da professora **RA** confirma sua prática ao corroborar que a brincadeira é um condutor de aprendizagem:

A brincadeira com certeza desenvolve aprendizagem, até porque a criança para ela ter primeiro o desenvolvimento de coordenação, de mão, primeiro ela precisa ter trabalhado o corpo, então o que na minha sala eu faço, antes de dar qualquer atividade em folha primeiro ela vai trabalhar o corpo (...) todo este tipo de relação com o corpo para depois ela vir para sala, ela já internalizou aquilo ali na mente dela, ela já tem uma noção com o corpo para depois ir para sala, para fazer aquilo em sala de aula, assim, ela representar no papel aquilo que o corpo dela já aprendeu.

Com esta perspectiva de brincadeira, a referida educadora levou todos os alunos para fora de sala e trouxe vários bambolês de diversas cores, trabalhando lateralidade, frente e costa, em cima e em baixo, questão de gênero, trabalho corporal, música, número, ritmo e, não obstante, utilizando os objetos ao redor deles. Por exemplo, todas as crianças, estando uma ao lado da outra, a docente começa a cantar uma música, ao parar ela diz: “dois em dois no bambolê, meninos na cor dentro do bambolê, meninas fora do bambolê”. Uma outra forma, utilizando outros objetos, é se colocar uma garrafa embaixo do banco e perguntar a um aluno se estão em cima ou em baixo. Assim, eles vão aprendendo de uma maneira lúdica, que dê prazer ao realizar tal atividade, absorvendo tudo o que puder na aula.

Deste modo, ao analisar / refletir / compreender as práticas dos mestres de ensino deste colégio com a colaboração dos estudos teóricos, percebe-se que, com a brincadeira, há uma grande colaboração nas aprendizagens do grupo discente e, neste meu estudo de caso, deu para observar o esforço que este corpo docente faz para “manter viva” a brincadeira e fazê-la como função educacional.

O jogo não é somente um divertimento ou uma recreação. Não é necessário provar que os jogos em grupo são uma atividade humana, o que é necessário é justificar seu uso dentro de sala de aula. As crianças muitas vezes aprendem mais por meio dos jogos em grupo do que de lições e exercícios. (FRIEDMANN, 1996, p.35).

(Re)conhecendo esta importância da brincadeira dirigida, e mais do que tudo, o professor saber o porque daquele jogo, existe todo um planejamento e um embasamento teórico para, acima de tudo, (re)viver não somente a brincadeira mas também o lúdico, pois o prazer não pode ser eliminado das atividades realizadas em sala.

3.1.1.1 Diálogo Sobre as práticas

As professoras investigadas, **AL**, **AD** e **RA**, declaram trabalhar com jogos educativos em sala visando um melhor aproveitamento da brincadeira neste espaço escolar. A professora **AL** demonstra, nesta prática, uma intencionalidade conteudista: “(...) *Eu uso muito joguinho de madeira(...) que trabalha com o número, com o alfabeto, que liga a letra do alfabeto com a figura(...)*”. Percebe-se, nessa fala, que a entrevistada usa o termo *joguinho* de forma pejorativa, dando idéia de pouca valorização. No entanto, esta educadora também faz um trabalho com materiais recicláveis, utilizando, por exemplo, tampinhas de refrigerante com a intenção de concretizar, minimizando a abstração do conceito de quantidade. Ela declara que faz observação em diferentes espaços da escola nas brincadeiras livres.

A docente **RA** faz uma modificação na estrutura dos jogos tradicionais, de suas regras de forma a atender os conteúdos. Ela comenta:

“(...) Amarelinha eu faço da seguinte forma, eu divido os quadrados, por exemplo, eu quero trabalhar o nome, eu coloco várias letras e a criança vai pular só no quadrado do nome dela ou no caso das vogais, ela vai pulando os quadradinhos falando as vogais ou falando os números. Além disso, agente tem um trabalho de fazer o número (...)”.

Para além dos jogos tradicionais, essa professora trabalha com outras formas: “(...) *Além disso, a gente tem um trabalho de fazer o número, por exemplo, desenhado no chão, para ela desfilarmos em cima, um passeio pelo número (...)*”. É possível, durante as práticas pedagógicas, o uso de jogos tradicionais cujas regras já estão internalizadas nas crianças, tendo a intenção de adaptá-las em prol dos objetivos no planejamento escolar. Pude observar que sua relação com o jogo é tanto para promover o jogo livre quanto o uso de brincadeiras lúdicas dirigidas.

Durante minha participação na escola como pesquisadora, “resgatando meu diário de bordo” para realização desta análise, posso afirmar que a professora **AL** é uma educadora com caráter de instrutora e controladora, enquanto as outras duas professoras que fizeram parte da pesquisa aparentam ter uma maior preocupação com o espaço/tempo do brincar, colocando em prática uma concepção do mesmo como parte do processo educacional.

Cotidianamente essas professoras participam das brincadeiras com as crianças. O que difere a **AD** da **RA** em relação à participação com os alunos na brincadeira, é que enquanto esta se comporta como facilitadora desse processo de ensino-aprendizagem, aquela tem o intuito de ser motivadora da brincadeira sendo uma participante ativa.

Ao abordar o entendimento que esses educadores têm pelo conceito de jogo educativo, **AL** possui um parecer muito conteudista, sem reconhecer as outras áreas do conhecimento, como a psicológica, a motora, a social e a cultural. A educadora **AD** relata a respeito deste conceito com uma outra dimensão: “(...) *eu acredito que jogos educativos são estes: que desenvolvam a parte de raciocínio, de motricidade e outras coisas mais dentro da educação*”. Percebe-se, então, uma noção de brincadeira dirigida mais ampla, não se reduzindo apenas à parte cognitiva.

A docente **RA** também não foge muito dessa concepção, partindo da relevância e de quais maneiras pode ser este jogo: “*Os jogos educativos são os que usam materiais ou brincadeiras usando o corpo, que tem alguma uma finalidade, você tem algum objetivo com aquilo dali, não é simplesmente querer brincar, não só é brincar, mas que você tem algum objetivo além do ato da brincadeira....*”

Quanto ao potencial que a brincadeira tem de favorecer um melhor aprendizado, todas, inegavelmente, admitiram que ela possuísse. A **AL** foi restrita em sua resposta, mas confirmou a potencialidade que o brincar pode oferecer. Já a **AD** e a **RA** demonstram esta idéia com maior precisão. A **RA** acredita que este potencial se dá por meio do amadurecimento da criança de acordo com os estágios alcançados e exemplifica como ocorre isto no espaço escolar:

A brincadeira com certeza desenvolve aprendizagem, até porque a criança para ela ter primeiro o desenvolvimento de coordenação, de mão, primeiro ela precisa ter trabalhado o corpo (...) o número - vou contar uma história, vou mostrar um desenho, nós vamos lá para fora fazer, nós vamos passar em cima do número, nós vamos fazer o número no ar, todo este tipo de relação com o corpo para depois ela vir para sala, ela já internalizou aquilo ali na mente dela, ela já tem uma noção com o corpo para depois ir para sala, para fazer aquilo em sala de aula, assim, ela representar no papel aquilo que o corpo dela já aprendeu.

Já a **AD** faz uma relação de coisas que a brincadeira pode estimular na criança: “(...) *Como falei a aprendizagem cognitiva ela facilita, às vezes, é pela brincadeira que a criança percebe a cor, a criança percebe os números, que a criança percebe até o próprio nome, é pela brincadeira*

que a criança aprende a esperar a sua vez, até mesmo esta coisa de limite, quando eles brincam livremente eles querem todos os brinquedos pra eles. (...)”.

Nas falas das professoras em relação ao planejamento, a **AL** continua alheia da brincadeira, ficando restrita ao que o grupo planeja como atividade lúdica para ser dada por todos os educadores para turmas do mesmo período; no entanto, ela afirma que não deixa de improvisar, quando preciso, em alguma eventualidade, mas enfatiza o trabalho com materiais recicláveis: *“(...) mas se ver que a turma não está sendo igual nós mesmos objetivos agente pode mudar também, por exemplo, agente trabalha muito com sucata, latinha, garrafa, rolinho de papel higiênico tudo isto para fazer os jogos”*.

Novamente **AD** e **RA** dão um parecer de docentes mais ativas e reflexivas na reunião do planejamento. A **AD**, devido algumas reflexões e em “falhas” pessoais, faz seu planejamento com o apoio, mas, cotidianamente, sempre que possível, estimula e incentiva os seus alunos. *“(...) É bem legal aproveitar as oportunidades que agente tem seja na brincadeira ou na conversa para está ensinando alguma coisa para ele”*. A professora **RA** faz como as outras em relação ao planejamento grupal, mas há um espaço privilegiado em sua prática pedagógica, chamado por ela como *hora da novidade*. É um momento em que, costumeiramente, faz brincadeiras típicas, adaptadas ou não.

Dentro do questionário utilizado, havia uma questão que buscava compreender a (des)valorização da brincadeira, inclusive pedindo a descrição de alguns exemplos.

A **AL** demonstra que isto acontece parcialmente: *“Sim, no projeto político pedagógico de certa forma sim, a gente trabalha com lúdico”*. Ela demonstra ser uma educadora não muito atenta a tais questões e do não re(conhecimento) de sua importância no desenvolvimento da criança, mas chega a trabalhar com a brincadeira como meio condutor de aprendizagem. A educadora **AD** já coloca em pauta sua preocupação da brincadeira no desenvolvimento dos pequenos durante a Educação Infantil: *“(...) a escola e a gente, há um bom tempo, tem procurado, em todos os planejamentos, estar trabalhando de forma lúdica, seja em sala seja lá fora, então a gente têm uma preocupação com isto, porque muitas vezes a gente vê pré-escola que já estão tipo alfabetizando, esquecem desta importância do brincar, às vezes já tem livro, já tem caderno e a criança não tem este tempo de brincar, não tem esta oportunidade, nossa briga é sempre esta, de*

não estar aqui alfabetizando”. **RA** também corrobora com esta importância no desenvolvimento da criança e ressalta: “(...) *nossa escola, principalmente porque é Educação Infantil, e a nossa coordenadora sempre nos orienta a trabalhar o jogo, a brincadeira, o lúdico da criança o tempo todo(...)*”.

Diante da análise das professoras com o desenvolvimento dos educandos em relação à brincadeira dirigida, a **AI** diz: “*Eles se interessam, participam e aprendem mais, mais rápido também*”. Essa educadora, apesar de sua prática não corroborar tanto com a brincadeira dirigida, re(conhece) que há uma maior atenção desses educandos nas atividades e, conseqüentemente, uma maior produção de saberes, cognitividades. A professora **AD** fala que seus alunos adoram, mas expõe outras situações rotineiras que acontece durante a brincadeira. Um exemplo disso é a agitação deles, que pode comprometer ou não a atividade e a reação das crianças em cada brincadeira dirigida. Outra situação a destacar é que os estudantes acreditam que só estão aprendendo através de “folhinha”. A professora se expressa, até em forma de diminutivo, por acreditar que a Educação Infantil não é ainda espaço escolar de alfabetização, e, sim, de outros estímulos: “(...) *Posso até em uma atividade pedir para que eles copiem, eles adoram, mas não com aquele intuito de alfabetizar*”.

A educadora **RA** também menciona que os pequenos os quais ela leciona não têm noção da proporção que a brincadeira pode oferecer, afirmando que:

Eles reagem muito bem até porque eles não sabem que o intuito é pedagógico, eles levam na brincadeira e aprendem brincando, aprendem sem ter esta noção de obrigatoriedade e eu também ali na brincadeira feito certo ou feito errado não vou falar se está certo ou que está errado, eles estão ali brincando, eu estou instruindo, fazendo perguntas para ver o grau de aprendizagem deles aí, mas, deles em geral reagem bem.

Dessa forma, a docente mostra que faz da sua prática pedagógica, atividades lúdicas, não deixando que a brincadeira perca sua essência, que é o prazer ao realizar tal atividade. Como ela afirma, em seu trabalho, mesmo o aluno errando não vai reprimi-lo, mas sim, observar seu desenvolvimento, pois, como ela expressa, “eles estão ali brincando”. Um outro ponto a destacar é a agitação, o comportamento, a desatenção de algumas crianças em relação a certas atividades,

explicações ou aplicação de determinadas “regras”. Porém, isto acaba favorecendo na socialização dos mesmos e, o compartilhamento das regras vai partindo deles próprios, um vai ensinando um pro outro: “(...) *geralmente eles que não conseguem prestar atenção nas instruções da brincadeira, chega na hora de fazer e faz errado aí a gente tem que voltar e o colega fala para o outro você fez errado, não era assim, eles vão ensinando um ao outro*”.

Aos aspectos positivo e negativo dos jogos educativos, a educadora **AI** acredita que eles aprendem muito rápido, mas, em compensação, a turma pode ficar agitada. Novamente, mais uma professora menciona esse aspecto, do comportamento das crianças, mas a professora **AL** refere-se à agitação dos estudantes neste tipo de atividade como uma dificuldade presente na prática pedagógica diariamente, sendo um ponto negativo se a classe for muito agitada.

A **AD** também coloca em pauta a agitação dos alunos, porém não expõe isto como aspecto negativo. Essa entrevistada, na verdade, não identificou nenhum aspecto negativo na brincadeira, a não ser pela falta de algumas crianças, o que dificulta o processo da aprendizagem e a falta de material na escola. Destacam-se, então, os seguintes pontos positivos relatados por esta docente: “(...) *desenvolve desde a motricidade, da linguagem oral, da percepção, então abrange todo o desenvolvimento dele (...)*”.

Já em relação à brincadeira vista com propósito recreativo, a professora **AI** a vê como um espaço de deliberação de energia, mas enfoca também que com ela as crianças aprendem a interagir, a fluir suas imaginações, dentre outras habilidades.

A mestra de ensino **AD** expõe um outro lado, mostra este espaço como se fosse um refúgio das crianças. Como assim? Essa educadora explica que, devido a tantas regras as crianças acabam sendo regidas pela “escola”, pela “sociedade”, elas precisam de um espaço só para elas, para se sentirem um pouco livres de tanta burocracia, podendo escolher com quem e de que vão brincar. “(...) *Quando a gente dá uma brincadeira livre eles se sentem a vontade, eles gostam também, porque ali se eles quiserem brincar de carrinho eles brincam, se quiserem brincar de panelinha com amiguinha, então não precisa estar ali, agora é ela que vai brincar, eu só tenho que estar olhando (...)*”. Reafirmando também que os educandos assim também aprendem, desenvolvem, por exemplo, a criatividade e a percepção.

A professora **RA** nos traz um fato novo, além de ter um espaço para as crianças, eles vão aprender, mas a posição do docente não é nula, neste momento ele irá observar como é a ação delas: *“(...) a criança precisa brincar sem o professor estar dirigindo, também o professor nesse momento que não está dando nenhuma instrução, que a criança está livre ele deve ficar observando. O professor não deixa de estar trabalhando, só que a criança não está seguindo uma coordenada do professor, mas ele também, está os observando (...)”*.

Todas as educadoras que entrevistei abrem espaço para a brincadeira recreativa, em locais como o pátio, varanda e parquinho. A professora **AD**, além disso, proporciona também o dia do brinquedo, onde as crianças podem trazer de casa seus pertences. *“Eu permito geralmente quando dá, uma vez por dia, aí eles ficam com brinquedos, às vezes dou bambolê, eles ficam fazendo o que eles querem com o bambolê, eles ficam com brinquedinhos que eles trazem de casa, às vezes tem o dia do brinquedo, trazem um e empresta para o outro (...)”*.

Na explicitação de quais jogos educativos são utilizados, a **AL** fica presa a jogos já prontos, mas não deixando de utilizar outros recursos ou adaptá-los. Na entrevista ela é muito sucinta, mas, em algumas aulas pude presenciar alguns jogos educativos sem ser os “prontos”. Ela estava trabalhando jogos matemáticos relacionado a números inteiros com a quantidade, fazendo com que o conteúdo fosse vivenciado, sendo concretizado pequenas situações da matemática e, além disso, podendo trabalhar as cores, a percepção, a atenção, movimento corporais, dentre outros.

Essa educadora expõe o fato relacionado à faixa etária de cada nível escolar, mas de que forma? nesta turma atual, os alunos estão no 2º período, até agora só sabem até o número três, com isso, para fazer um jogo fica difícil, mas nada os impede de trabalhar de forma lúdica, perguntando a um aluno quantas estrelinhas têm em um cartaz, por exemplo. Aprende-se também na percepção diária, no calendário, nas datas que são ditas e mostradas diariamente.

A professora **RA** menciona a dificuldade da brincadeira em sala de aula, devido à falta de espaço, mas isto não a impede de ter esta atividade. Ela trabalha de diversas formas, como amarelinha, música, bambolê: *“(...) trabalha o jogo da memória, contação de história, são estes jogos que eu gosto de fazer com eles lá no pátio. como amarelinha, com música, com bambolê, com formas geométricas(...)”*.

Com acesso aos RCNEI, a sujeita da pesquisa **AL** acredita que há uma parte conservadora neste material e que podem ser adaptadas. Ela Tomou presença deste material durante a faculdade e no colégio que dá aula. Já a educadora **AD** vê muitas das coisas neste material como utópicas, e seu acesso foi a partir da elaboração de sua monografia e na própria prática escolar. Em contrapartida, a docente **RA** nunca ouviu falar neste documento, mas acredita que pode ter sido que ela ainda não cursou toda faculdade, que neste momento está trancada.

Considerações Finais

Nesta presente monografia, *A importância da brincadeira na Educação Infantil*, pôde-se observar / analisar / refletir / a relevância da brincadeira dirigida no espaço escolar atingindo minha meta de reafirmar a mesma como intuito educativo, trazendo o ato de brincar para além da ação livre da criança.

A partir desta brincadeira dirigida, remetendo-se a um condutor de ensino-aprendizagem, a criança pode vivenciá-la de modo instantâneo, sentindo prazer ao realizar tal atividade, podendo os professores os incentivar, estimular, aprimorando suas capacidades em diversas expressões, como a mental, a emocional, a cognitiva, dentre outros. Assim, pude perceber como a brincadeira é crucial para o desenvolvimento da criança, apostando que desta forma os pequenos aprendem, desenvolvem com mais apreensão, mais atenção, mais prazer e mais ludicidade, facilitando, portanto, seu processo de aprendizagem neste nível educacional. Isso remete a brincadeira com um outro recorte, apontando que o ato de brincar não necessita ficar restrito somente como meio de substituir o “enfado” em sala de aula ou como um momento para ser preenchido com alguma atividade, esvaziando-se assim, o sentido da brincadeira.

(Re)conheço a importância da brincadeira livre como tantos outros teóricos, mas procurei buscar uma outra face do ato de brincar, em que a brincadeira dirigida pode, sim, favorecer a aprendizagem das crianças, seja na produção de conhecimentos, seja sendo um meio onde a criança vai vivenciar, experimentar, demonstrar suas emoções, idéias, sua capacidade de cooperação, de liderança, de coleguismo, apreendendo diversas formas, tipos e níveis de aprendizagens.

Também tento frisar que, além de nós professores (re)conhecermos a importância da brincadeira no espaço escolar, é necessário a total presença dos mesmos para verificar qual aluno está com mais dificuldade em realizar tal tarefa, em lidar com o colega, na competição, em dividir, em doar, com quem vai brincar sem fazer distinção de gênero / raça, lidar com a perda / vitória, quem tem mais poder de liderança, dentre outros aspectos. Pois, se o professor(a) não participa deste processo, observando e / ou brincando com os educandos, possivelmente ele(a)

não estará consciente da relevância da brincadeira no desenvolvimento de cada criança, considerando esta apenas um espaço de recreação. (Re)lembrando e (re)afirmando que este lugar de recreação também têm suas subjetividades e importância, nos indagamos ao fato de que a brincadeira não se limita somente a isto.

Em toda minha pesquisa, foi possível concluir que podemos conciliar a necessidade da criança, o desejo inerente da brincadeira, com os objetivos, assim corroborando com Brougère ao dizer os seguintes vocábulos: “É preciso conciliar a presença do jogo, que responde a necessidade da criança, e o objetivo educativo, que não deve ser abandonado (...)”. (1998, p.122). Dessa forma (re)afirmando que a característica essencial da brincadeira - o prazer, o divertimento - não pode se perder na atividade, pois assim, ela perderia todo o sentido do trabalho realizado, deixando de ser uma brincadeira. Por mais que seja um brincar dirigido, com escopo pré-estabelecido, isto não significa que teremos que “aprisonar” o sentimento de sentir-se prazer ao brincar. A brincadeira, no senso-comum, significa isto, divertir-se na realização de qualquer atividade considerada banal, sem sentido. No entanto, na brincadeira dirigida isso pode ser diferente desde que os professores na realização de algumas atividades instiguem seus educandos a participarem, a construírem alguns jogos que possibilitem seu desenvolvimento bio-psico-sócio-cultural.

Em meu trabalho de campo foi notável esta importância da brincadeira, pois houve uma permanente luta do corpo escolar da Professora Ondina de Oliveira Coelho para integrar a brincadeira neste nível educacional seja no processo de construção de conhecimento dos pequenos como em um processo de esclarecimento aos pais dos mesmos, para que estes compreendam que a brincadeira pode e deve estar presente para um melhor resultado educacional de seus filhos. Ressalto que não foi somente uma “luta” com os pais, mas também, com outros professores que não entendiam como a brincadeira poderia ajudar no desenvolvimento da criança e que espaço do brincar era este, que propicia, estimula o desenvolvimento dos estudantes na faixa etária dos quatro aos seis anos de idade. E os RCNEI trazem esta perspectiva da brincadeira, nos dando suporte ao dizer que:

(...) Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a irritação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio de interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. (19987. p. 22).

Tendo em vista a prática escolar dos educadores, os diversos teóricos, meu diário de campo e os múltiplos documentos e pareceres analisados, mostro que a brincadeira pode sim ser um condutor de aprendizagem e fazendo com que os docentes levem em conta, estudem, analisem e reflitam a possibilidade do brincar em consonância com o conteúdo escolar, como um meio de construção de conhecimento no espaço escolar.

Em suma, pressuponho esta relevância da brincadeira dirigida na Educação Infantil e o (re)conhecimento de sua importância seja para o corpo escolar como aos pais e à comunidade. Proponho, ainda, a compreensão sobre os objetivos que este ato infantil-educacional propicia para o entendimento, o esclarecimento de todos os alunos em seus processos de ensino-aprendizagem para assim podermos compreender a importância do brincar como um condutor de construção de conhecimentos, sendo assim, uma reflexão sobre a riqueza de aprendizagens que este ato infantil-educacional propicia para as crianças, sobretudo para as pequenas da educação infantil, pois, cada vez mais, acredito na importância do brincar como um condutor na construção de conhecimentos e saberes escolares, o que envolve também os saberes para a vida.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Paulo Nunes. *Educação Lúdica – Técnicas e Jogos Pedagógicos*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

AROEIRA, Maria Luísa C.; SOARES, Maria Inês B; MENDES, Rosa Emília. *A didática de pré-escolar: vida criança: brincar e aprender*. São Paulo: FTD, 1996.

BARON, Sandra C. Brincar: espaço de potência entre o viver, o dizer e o aprender. In: GARCIA, Regina Leite (org.) *Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BOUSQUET, Martine Mauriras. *Um oásis de felicidade*. S.L.

BRASIL. Lei nº 9398, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*.

-----, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação*. Brasília: MEC, SEB Educação, 2006.

-----, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental*. — Brasília: MEC/SEF, 1998.3v.: il. Volume 1: Introdução; volume 2: Formação pessoal e social; volume 3: Conhecimento de mundo.

BROUGÈRE, Gilles. *Jogo e Educação*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

-----, Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. *Brinquedo e Cultura*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Escola infantil: Pra que te Quero? In: CRAIDY, Carmen Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (orgs). *Educação Infantil – Pra que te Quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

CABE, II Forum, 2008, Niterói. *A criança Contemporânea em foco.*

CRAIDY, Carmen Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (orgs). *Educação Infantil – Pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

ESTEBAN, Maria Teresa. Jogos de encaixe: Educar ou formatar desde a pré-escola? In: GARCIA, Regina Leite (org). *Revisitando a pré-escola.* 6.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, João Batista. *O jogo entre o riso e o choro.* 2ª ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005.

FRIEDMAN, Adriana. *Brincar: crescer e aprender – O resgate do jogo infantil.* São Paulo: Moderna, 1996.

HEINKEL, Dagma. *O brincar e a aprendizagem na infância.* Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

KISHIMOTO, Tizuko M. (org). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.* 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel; NUNES, Maria Fernanda; GUIMARÃES, Daniela (orgs). *Infância e educação infantil.* Campinas, São Paulo: Papirus, 2002.

LANTER, Ana Paula. A Política de Formação do profissional de Educação Infantil: Os anos 90 e as diretrizes do MEC diante da questão.. In: KRAMER, Sonia ; LEITE, Maria Isabel; NUNES, Maria Fernanda; GUIMARÃES, Daniela (orgs). *Infância e educação infantil.* São Paulo: Papirus, 2002.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.* São Paulo: EPU, 1986.

MAKARENKO, Anton Simionovitch. *Conferências sobre educação infantil.* Abelaira Vizotto, São Paulo, 1981.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Pedagogia da Animação*. 7ª ed. São Paulo: Papirus, 2005.

MARINHO, Fundação Roberto. *Professor da pré-escola*. v.2 Rio de Janeiro: FAE, 1991.

NÓVOA, António. (Org.). *Vidas de professores*. 2ª ed. Lisboa: Porto Editores, 1995.

OLIVEIRA, Marta Kohl. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 1995.

RAPPAPORT, Clara Regina. (Coord.). *Psicologia do desenvolvimento: Conceitos Fundamentais*. São Paulo, 1981.

ROSSI, Priscila Pastre. *Este jogo é animal! Nova Escola*. Edição novembro 2006.

WEFFORT, Madalene Freire. *Observação, registro e reflexão: Instrumentos metodológicos I*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1992.

✓ **Anexo A:** Questões das entrevistas:

- 1- Você aplica alguma brincadeira para seus alunos? Quais? De que maneira? Relate um exemplo.
- 2- Você participa das brincadeiras com as crianças? Em que momentos?
- 3- O que você (professor(a)) entende por jogos educativos?
- 4- Você acredita que a brincadeira desenvolve alguma aprendizagem? Quais e de que forma?
- 5- Jogos e brincadeiras fazem parte de seus planejamentos de aula?
- 6- Há uma proposta pedagógica da escola que valoriza a brincadeira? No caso afirmativo, cite exemplos.
- 7- Como reagem os alunos quando você utiliza brincadeiras em aula com intuito pedagógico?
- 8- Aponte aspectos positivos e negativos na utilização de jogos educativos (os que apresentam propostas pedagógicas explícitas).
- 9- O que você acha do jogo com intuito apenas recreativo, sem um conteúdo específico a ser trabalhado?
- 10- Você permite o jogo pelo jogo (recreação livre) em sua turma? No caso afirmativo, em que momento isso ocorre?
- 11- Quais são os jogos educativos que você aplica em sala de aula?
- 12- Você utiliza os RCNEI?

✓ **Anexo B:** Entrevistas:

Dados Pessoais:

Nome: AD Pereira.

Formação: Curso Normal

Curso Normal Superior na Cândido de Mendes.

Pós em Gestão e Planejamento Educacional na Cândido de Mendes.

Tempo de Magistério: Seis anos.

Entrevista realizada:

1-Você aplica alguma brincadeira para seus alunos? Quais? De que maneira?Relate um exemplo.

R: Sim, várias. Brincadeiras de roda, cantadas, jogos de percepção como memória, jogos com brinquedos mesmo, dominó, etc.

2-Você participa das brincadeiras com as crianças? Em que momentos?

R: Sim. No momento de estar organizando, no momento de estar ensinando como a brincadeira vai funcionar, até mesmo brincando com eles, eles gostam quando dançam, por exemplo, as brincadeiras cantadas, se eu não os faço eles não fazem então, o tempo todo eu tenho que participar, porque aí vou além de auxiliar, eu vou estimulando, pois tem criança tímida, então a gente o tempo todo está participando.

3- O que você (professor (a)) entende por jogos educativos?

R: *Os jogos educativos, eles são preparados para o desenvolvimento cognitivo, motor, a linguagem oral, então esse jogos estão preparados especificamente para isto. Então são geralmente jogos que não tem violência, porque a gente não quer isto, então assim, eu acredito que jogos educativos são estes: que desenvolva a parte de raciocínio, de motricidade e outras coisas mais dentro da educação.*

4- Você acredita que a brincadeira desenvolve alguma aprendizagem? Quais e de que forma?

R: *Com certeza. Como falei a aprendizagem cognitiva ela facilita, às vezes, é pela brincadeira que a criança percebe a cor, a criança percebe os números, que a criança percebe até o próprio nome, é pela brincadeira que a criança aprende a esperar a sua vez, até mesmo esta coisa de limite, quando eles brincam livremente eles querem todos os brinquedos pra eles. A partir do momento que você vai fazer uma brincadeira na escola, ou seja, com jogos educativos ou com as brincadeiras regradas então você vai colocando regras e essas regras são seguidas, geralmente com objetivos que a professora tem ou que o próprio pai se tiver brincando tem.*

5- Jogos e brincadeiras fazem parte de seus planejamentos de aula?

R: *Sim, um exemplo foi ontem, ela ao ver a dificuldade de um dos alunos a falar cor, resolveu na brincadeira de massinha trabalhar este assunto: cada um dizia à cor que queria pegar e ao pegar a professora estimulava tal aprendizagem. Porque quando voltei agora de férias, ano passado, no final de ano fui observando que a gente trabalha a cor aí diz: vermelho, amarelo, e ao final do ano observei que um aluno meu ele tava com dificuldade na cor e eu não tinha percebido, porque era tímido e quieto, tava no finalzinho quando percebi, nem fui a Rafaela estava comigo e a gente perguntou a cor e ele não falou aí quando voltei agora (julho) pensei: eles devem ter esquecido, todo aquele trabalho, aquele planejamento que a gente tinha feito, porque eles são muito pequeno, mas aí eu fui agora eu vou trabalhar tudo de cor a folha, toda hora que vou dar a folha eu pergunto ,eu pergunto tudo o que tem na sala, da cor daquela folha,*

aí eles vêem na blusa, na roupa, em qualquer lugar a cor. E ontem, eu percebi isto, tinha um que não sabia a cor. Ele falou vermelho e não era. É bem legal aproveitar as oportunidades que agente tem seja na brincadeira ou na conversa para está ensinando alguma coisa para eles.

6- Há uma proposta pedagógica da escola que valoriza a brincadeira? No caso afirmativo, cite exemplos.

R: Há, a escola e a gente há um bom tempo tem procurado em todos os planejamentos de estar trabalhando de forma lúdica, seja em sala seja lá fora, então a gente tem uma preocupação com isto, porque muitas vezes a gente vê pré-escola que já estão tipo alfabetizando, esquecem desta importância do brincar às vezes já tem livro, já tem caderno e a criança não tem este tempo de brincar, não tem esta oportunidade, nossa briga é sempre esta, de não está aqui alfabetizando. Até os pais vêm pedindo quando vão mandar o caderno, o lápis, então a gente diz: aqui eles vão aprender brincando, aqui eles não vão precisar de lápis o mais básico são folhas, mas assim, a maior parte das coisas é de forma lúdicas, através das brincadeiras, seja dentro da sala pedindo para que eles toquem uma cor ou faça qualquer coisa. Agente tem uma maior preocupação com isso.

7- Como reagem os alunos quando você utiliza brincadeiras em aula com intuito pedagógico?

R: Eles adoram e ao mesmo tempo se agitam, porque nem todas as brincadeiras a gente sabe qual vai ser a reação, às vezes a gente traz num intuito de ensinar sim, mas às vezes a gente causa um reboliço na sala, eles ficam bem agitados porque eles acham que vão brincar o tempo todo, outros cobram, e não vai ter atividade hoje não, não vai ter deverzinho hoje, apesar deles terem aprendido, eles não sabem esta diferença. Eles acham que deverzinho, só tão aprendendo é quando tem folinha, quando estão escrevendo ou pintando. Aí eles às vezes cobram: Tia hoje não vai ter deverzinho hoje não? Eles aprendem muito mais com a brincadeira, mas eles acham que aquilo é brincadeira, nós sabemos, mas eles não têm esta noção de que aquilo ali eles estão

aprendendo. A gente consegue ensinar e estimular muitas coisas com as brincadeiras. Mas, às vezes somos cobrados por eles, porque eles acham que aquilo é brincadeira. No início os pais vieram para cá porque nas outras escolas tem caderno, que as outras escolas estão dando alfabeto, dando “BA BE BI BO BU”, aí a gente teve que se posicionar em cima de autores, teóricos, pra falar que a pré-escola não é lugar para estar lendo, é lugar de estar brincando e aprendendo aos poucos. Se a criança tem a sensibilidade de aprender a ler na pré-escola ela vai aprender porque aqui tem todo ambiente letrado, a gente escreve, a gente fala, mas não porque a gente vai forçar, botar na cabeça da criança “b com a faz ba”, porque ela vai estar aos poucos pegando, quando eu leio: Como papai podemos, eles estão observando que ali tem letras, vamos ver se ele é esperto e de repente vão perceber que aquele vermelho é papai, não é que a gente vai ficar, escreve papai. Posso até em uma atividade pedir para que eles copiem, eles adoram, mas não com aquele intuito de alfabetizar.

8- Aponte aspectos positivos e negativos na utilização de jogos educativos (os que apresentam propostas pedagógicas explícitas).

R: *Eu vejo só pontos positivos, às vezes os pontos negativos é a falta deles na escola, porque às vezes nós não temos em nossa disposição todos os jogos que nós queríamos ter, então, aqui é um escola que tem 14 turmas e às vezes só vem um jogo e um jogo às vezes perde uma peçinha, uma coisa pra tanta gente usar. Ponto positivo é que vai desenvolver muita coisa, desenvolve desde a motricidade, da linguagem oral da percepção, então abrange todo o desenvolvimento dele. Ponto negativo eu não vejo nenhum a não ser a falta deles na escola.*

9- O que você acha do jogo com intuito apenas recreativo, sem um conteúdo específico a ser trabalhado?

R: *Eu acho importante também. Porque quando eles são pequenos e quando vêm para a escola, eles não estão acostumados com rotinas. Geralmente em casa eles têm a vida deles livres. Eles chegam aqui tem que sentar, tem que comer naquela hora, lavar a mão naquela hora, então são*

várias rotinas. Quando a gente dá uma brincadeira livre, eles se sentem à vontade, eles gostam também, porque ali se ele quiser brincar de carrinho ele brinca, se quiser brincar de panelinha com amiguinha, então não precisa tá ali, agora é ela que vai brincar, eu só tenho que estar olhando, direcionando, tomando conta para que não se machuque. Eu acho importante para que desenvolva a criatividade, a percepção que agora ele está brincando com aquele carrinho e quando ele terminar eu posso brincar. Isso tudo apesar da gente não estar falando, eles vão observando. Tia ele está com meu brinquedo, deixa um pouquinho depois você pega, mas deixar livre, deixar brincar com que eles quiserem. Eu gosto, eu acho importante.

10- Você permite o jogo pelo jogo (recreação livre) em sua turma? No caso afirmativo, em que momento isso ocorre?

R: Eu permito geralmente quando dá, uma vez por dia, aí eles ficam com brinquedos, às vezes dou bambolê, eles ficam fazendo o que eles querem com o bambolê, eles ficam com brinquedinhos que eles trazem de casa, às vezes tem o dia do brinquedo, trazem um e empresta para o outro. Faço isto várias vezes, quando dá tempo.

11- Quais são os jogos educativos que você aplica em sala de aula?

R: Eu fiz um jogo da matemática, mas ainda não utilizei com turmas de 2º período, com terceiro período, pois a gente trabalha com número até trinta, não que eles aprendam a escrever até o trinta, mas a gente já trabalha com o calendário e eles já têm mais percepção. Jogo através do livro, eu comprei um livro, e através dele tinha uma história: uma criança que ia à feira com a mãe e eu fiz todos os legumes da feira, a gente montava uma barraquinha na sala e aí eu ia lendo a história e cada grupinho ia fazendo a feira, tinha que pegar a quantidade que eu falasse. Eu já fiz também aquele jogo de boliche, que eles tinham que jogar e qual a peça que eles tinham derrubado e qual era o número, quantos pontos ganhavam. Várias coisas que iam fazendo, com os pequenos, jogos matemáticos são menores dá mais ênfase na parte oral, na parte da percepção, da motricidade, porque eles vêm durinhos ainda, mas quando tem oportunidade a

gente brinca, quantas estrelinhas? Aí eles contam do jeitinho deles. Apesar de ir até o trinta, a gente dá até o dez no máximo, eu tô no três ainda, eles ainda não tem conhecimento dos números todos para fazer um jogo assim. Nós tivemos um projeto sobre a Higiene e a Sexualidade na pré-escola, a gente fez um curso todos os professores, fizemos uma palestra, tinha fantoches que tinham parte genitais e tudo, a gente ensinava como limpar o bumbum, que tinha que lavar a mão antes, isto tudo com bonecos. Isto foi ano passado, todas nós tivemos que participar do curso e o projeto final era fazer a palestra, foi aberta aos pais, para todo mundo. Cada grupo teve que fazer uma coisa: a higiene com a água, a higiene com o lixo, para onde o lixo ia, a gente trabalhou também sobre esta coisa da reciclagem porque é uma preocupação da escola, de todos nós de uma maneira geral com o meio ambiente, então a gente teve um projeto também que falasse sobre reciclagem, da gente □a jogando fora e este dinheiro que conseguiria com a reciclagem a gente poderia estar ajudando em alguma coisa, o nosso sonho é a horta, a gente não conseguiu, mas provavelmente na outra escola vamos conseguir. Têm vários outros projetos, do conto de fadas, que fizemos ano passado. Este ano cada professor com um ator as crianças vão apresentar os autores das outras crianças e vamos trabalhar as obras dos autores com eles. Nós, junto com as pedagógicas criamos os projetos.

12- Você utiliza os RCNEI?

R: *Algumas coisas eu acho que não são possíveis. Diz que tem que adaptar com seu dia-a-dia, mas acho que algumas coisas são utópicas. Não tive acesso ao referencial, somente a partir de minha monografia e ao entrar na rede tive um maior acesso.*

Dados Pessoais:

Nome: RA Costa.

Formação: Curso Normal no Instituto de Educação Clèrie Nanci.

Graduação em andamento na UERJ/FFP.

Tempo de Magistério: Cinco anos.

1-Você aplica alguma brincadeira para seus alunos? Quais? De que maneira?Relate um exemplo.

R: *Aplico, por exemplo, amarelinha, brincadeira de coelho na toca, brincadeira com músicas, com histórias. Amarelinha eu faço da seguinte forma, eu divido os quadrados, por exemplo, eu quero trabalhar o nome, eu coloco várias letras e a criança vai pular só no quadrado do nome dela ou no caso das vogais, ela vai pulando os quadradinhos falando as vogais ou falando os números. Além disso, a gente tem um trabalho de fazer o número, por exemplo, desenhado no chão, para ela desfilarmos em cima, um passeio pelo número. E com música trabalha, a questão dos sentidos, quando diz: parou a música, eles vão ter que parar ficar numa posição.*

2- Você participa das brincadeiras com as crianças? Em que momentos?

R: *Eu participo das brincadeiras com as crianças em todos os momentos, primeiro eu tenho que fazer para mostrar para eles como que é, para dar o exemplo, e tem crianças que não conseguem ainda fazer sozinhos, não tem muito equilíbrio com o corpo; então, para pular por exemplo, no caso da amarelinha, eu tenho que segurar na mão, eu tenho que ir na frente primeiro, para ver como pula com um pé, como pula com dois pés então, a gente está sempre em movimento.*

3- O que você (professor(a)) entende por jogos educativos?

R: *Os jogos educativos são os jogos que usam materiais ou brincadeiras usando o corpo que tem alguma finalidade, você tem algum objetivo com aquilo dali, não é simplesmente que brincar não só é brincar, mas que você tem algum objetivo além do ato da brincadeira.*

4- Você acredita que a brincadeira desenvolve alguma aprendizagem? Quais e de que forma?

R: *A brincadeira, com certeza, desenvolve aprendizagem, até porque a criança para ela ter primeiro o desenvolvimento de coordenação, de mão, primeiro ela precisa ter trabalhado o corpo, então o que na minha sala eu faço, antes de dar qualquer atividade em folha primeiro ela vai trabalhar o corpo. De que forma? Por exemplo: o número - vou contar uma história, vou mostrar um desenho, nós vamos lá para fora fazer, nós vamos passar em cima do número, nós vamos fazer o número no ar, todo este tipo de relação com o corpo para depois ela vir para sala, ela já internalizou aquilo ali na mente dela, ela já tem uma noção com o corpo para depois ir para sala, para fazer aquilo em sala de aula, assim, ela representa no papel aquilo que o corpo dela já aprendeu.*

5- Jogos e brincadeiras fazem parte de seus planejamentos de aula?

R: *Com certeza. Quando a gente faz o planejamento, começamos sempre, ou na maioria das vezes, quando precisa com um jogo, com uma brincadeira, com uma história, que é a hora da novidade, que chamo também da hora do segredo ou da hora da descoberta. No meu caso, hoje a Tia Rafaela vai contar um segredo, tia Rafaela vai contar uma novidade para vocês. Aí a gente vai lá para fora, conta lá fora, faz a brincadeira lá fora, sem necessariamente falar o objetivo daquilo dali, a gente faz a brincadeira, mas, por exemplo, vou dar o círculo. Faz o círculo no*

chão, brinca de bambolê, brinca de coelhinho da toca, sem falar que o nome daquela forma é o círculo, eles vão visualizar, mas eles não estão sabendo, depois é que eles vão saber.

6- Há uma proposta pedagógica da escola que valoriza a brincadeira? No caso afirmativo, cite exemplos.

R: Com certeza, nossa escola, principalmente porque é Educação Infantil, e a nossa coordenadora sempre nos orienta a trabalhar o jogo, a brincadeira, o lúdico da criança o tempo todo. Folha mimeografada aqui a gente usa, mas raramente, tudo é para priorizar a ludicidade na criança, nós podemos usar folha, é o que ela fala, nos orienta, podemos sim, claro, mas primeiro trabalhar, internalizar aquilo na criança através do jogo, da brincadeira para depois representar aquilo dali que pode ser através da folha mimeografada. A gente trabalha com folha, mas com papel picado, com EVA, cola colorida, palito, canudo, tinha guache. A gente usa mais folha mimeografada para passar alguma tarefinha para, um recorte e colagem, alguma coisa simples que a criança pode fazer sozinha em casa, em sala mesmo é difícil utilizar folha mimeografada.

7- Como reagem os alunos quando você utiliza brincadeiras em aula com intuito pedagógico?

R: Eles reagem muito bem, até porque eles não sabem que o intuito é pedagógico, eles levam na brincadeira e aprendem brincando, aprendem sem ter esta noção de obrigatoriedade e eu também ali na brincadeira feito certo ou feito errado não vou falar se estar certo ou que está errado, eles estão ali brincando, eu estou instruindo, fazendo perguntas para ver o grau de aprendizagem deles aí, mas eles em geral reagem bem. Nós temos alguns alunos com problemas de comportamento, alunos indisciplinados, mas, até mesmo esses alunos, na hora da brincadeira, é uma hora que eles conseguem interagir junto com outros colegas e conseguem brincar, claro que eles têm um pouquinho mais de dificuldade, pois eles não prestam atenção nas instruções, então, geralmente eles que não conseguem prestar atenção nas instruções da

brincadeira chega na hora de fazer e faz errado aí a gente tem que voltar e o colega fala para o outro você fez errado, não era assim, eles vão ensinando um ao outro.

8- Aponte aspectos positivos e negativos na utilização de jogos educativos (os que apresentam propostas pedagógicas explícitas).

R: Eu acho que os aspectos positivos é que a criança aprende de uma forma muito melhor e facilita nosso trabalho depois em sala de aula quando ela vai representar esta aprendizagem em sala. Um aspecto que poderia ser negativo é que o jogo para o pai, para quem está de fora não é algo concreto, então pode ser que o pai chega em casa e pergunta: O que você fez lá na escola? Ah! Eu brinquei de amarelinha. Puxa você ficou o dia inteiro brincando de amarelinha, não fez nada, nenhuma folhinha? Então, os pais ainda não têm esta noção que brincando está aprendendo. Esse seria não um aspecto negativo e sim, uma falta de compreensão. Embora na reunião a gente explique, a gente fale, eu não tive problemas com os pais nessa situação, mas possa ser que aconteça. Eu tive uma aluna que um tempo desses a gente estava brincando e eu não sei que ela estudou em outra escola estava muito acostumado com folhinha, que nos brincamos esse dias de amarelinha, escreveram com giz no chão e depois ela chegou para mim: tia hoje não fizemos nenhuma folhinha? Nós não fizemos folha nenhuma hoje, mas trabalhamos muito hoje. Olha quando coisa nós fizemos: você pulou na amarelinha, viu os números, desenhou lá no chão, viu as vogais, escreveu seu nome, olha quanto coisa nós fizemos?! Aí ela se acalmou, como se precisasse fazer uma folhinha para sentir que fez alguma coisa, aí depois ela disse: é mesmo nós fizemos muita coisa hoje. A tia Rafaela ta cansada, você não esta cansada não? Aí ela, to, to cansada, estou com a mão suja de giz, então vamos lá lavar.

9- O que você acha do jogo com intuito apenas recreativo, sem um conteúdo específico a ser trabalhado?

R: Acho também que este jogo apenas recreativo ele é necessário, a criança precisa brincar sem o professor estar dirigindo, também o professor nesse momento que não está dando nenhuma

instrução, que a criança está livre ele deve ficar observando. O professor não deixa de estar trabalhando, só que a criança não está seguindo uma coordenada do professor, mas ele também, esta os observando. É necessário este momento para ver como a criança está agindo sem nenhuma instrução, pode ser que quando ele estiver dando aquele jogo dirigido a criança reaja de uma forma com o colega quando ele não está fazendo este tipo de trabalho ele reage de outra forma, até mesmo no relacionamento com o colega. Quando chega num momento livre eles não se aproximam.

10- Você permite o jogo pelo jogo (recreação livre) em sua turma? No caso afirmativo, em que momento isso ocorre?

R: *Geralmente, depois da merenda, eles ficam livres, geralmente aqui na varanda, ou ali no pátio, eu dou brinquedo ou bambolê, os recursos que nós temos aqui na escola para eles brincarem de forma livre, os deixo livres, estando brincando com os colegas da forma que eles quiserem.*

11- Quais são os jogos educativos que você aplica em sala de aula?

R: *Aqui na sala, devido ao espaço que nós temos, é complicado dar jogo aqui na sala. Mas, geralmente eu utilizo o espaço da varanda que é um pouco maior. Aí a gente trabalha o jogo da memória, contação de história e estes jogos que eu gosto de fazer com eles lá no pátio. Como amarelinha, com música, com bambolê, com formas geométricas.*

12- Você utiliza os RCNEI?

R: *Nunca ouvi falar nos RCEI. Na faculdade, temos uma grade só de Educação Infantil, minha faculdade está com um período trancado e o único período que eu fiz Educação Infantil não tive esta oportunidade estar estudando. Pode ser também que as pessoas que estão cursando estejam vendo e eu não esteja vendo, pois a minha faculdade está trancada. Só tive uma disciplina de*

Educação Infantil, e nessa disciplina nós estudamos os teóricos, focalizando a teoria deles na Educação Infantil, mas não tivemos acesso a este material, pode ser devido que eu fiz só um período desta disciplina.

Dados Pessoais:

Nome: AL Antunes.

Formação: Curso Normal no C.E.M. Joana Benedicta Rangel.

Graduação em letras na Universidade Salgado de Oliveira.

Tempo de Magistério: Oito anos.

1- Você aplica alguma brincadeira para seus alunos? Quais? De que maneira? Relate um exemplo.

R: *Sim. Eu uso muito um joguinho de madeira que tem na secretaria, que trabalha com o número, com o alfabeto, que liga a letra do alfabeto com a figura, trabalho a quantidade, com a noção de soma, isto tudo utilizando materiais recicláveis, como usar tampinha como quantidade dentro da latinha, até no próprio parquinho tem a noção espacial, tem toda organização do parquinho, a gente observa toda esta parte, a brincadeira livre, como o aluno se comporta se sabe se relacionar com o colega ou não, se está socializado ou não.*

2- Você participa das brincadeiras com as crianças? Em que momentos?

R: *Não, somente quando é dirigida. Aí eu participo explicando ou até mesmo brincando. Livre só interfiro quando tem algum problema, fora isto, só quando é dirigida mesmo.*

3- O que você (professor (a)) entende por jogos educativos?

R: *Eu entendo por jogo educativo tudo que leva o aluno a aprender a alguma coisa, mas para falar a verdade, todos os jogos praticamente você pode absorver alguma coisa, se você souber usar de forma correta, se você conseguir explorar os objetivos de forma correta, às vezes a brincadeira de imediato você olha assim, só trabalha cores, por exemplo, dentro das cores você pode tirar números, formas geométricas, aí vai.*

4- Você acredita que a brincadeira desenvolve alguma aprendizagem? Quais e de que forma?

R: Com certeza. Eu acho que estimula o aluno a ficar mais concentrado, a participar mais. E isto ajuda ao raciocínio deles, à aprendizagem deles.

5- Jogos e brincadeiras fazem parte de seus planejamentos de aula?

R: Normalmente, a gente planeja na sexta-feira, sempre quando engloba todo mundo. Se a turma render naquela atividade, na brincadeira, a gente trabalha igual, mas se ver que a turma não está sendo igual, nós mesmos objetivos a gente pode mudar também, por exemplo, a gente trabalha muito com sucata, latinha, garrafa, rolinho de papel higiênico, tudo isto para fazer os jogos.

6- Há uma proposta pedagógica da escola que valoriza a brincadeira? No caso afirmativo, cite exemplos.

R: Sim, no projeto político pedagógico de certa forma sim, a gente trabalha com lúdico.

7- Como reagem os alunos quando você utiliza brincadeiras em aula com intuito pedagógico?

R: Eles se interessam, participam e aprendem mais, mais rápido também.

8- Aponte aspectos positivos e negativos na utilização de jogos educativos (os que apresentam propostas pedagógicas explícitas).

R: Positivos é que a criança aprende mais rápido, com mais facilidade. Aquele que tem dificuldade de assimilar ele assimila mais rápido. E, como repeti, a brincadeira tem todo um tempo melhor e maior para poder aprender. Eu acho que é negativo no começo, se a turma for

agitada, pode ser difícil de concentrar, toda a hora de chamar atenção, mas se for uma turma muito agitada.

9- O que você acha do jogo com intuito apenas recreativo, sem um conteúdo específico a ser trabalhado?

R: Eu acho que é importante também a criança brincar livremente porque ela precisa deste espaço para liberar energia, para brincar, para usar a criatividade na brincadeira, a imaginação, então eles já interagem entre eles, só interfiro quando tenho que auxiliar em alguma situação nova ou uma briga. É importante esta interação entre eles e a imaginação deles brincando também acho importante.

10- Você permite o jogo pelo jogo (recreação livre) em sua turma? No caso afirmativo, em que momento isso ocorre?

R: Normalmente isto ocorre, brincam depois da merenda, ou brincam no parquinho, ou na varanda, com brinquedo ou inventam uma brincadeira.

11- Quais são os jogos educativos que você aplica em sala de aula?

R: Aqueles jogos de encaixe, de plástico, eu deixo livre ou trabalho cores, o que montou monta algo que aprendeu ou a gente monta junto. Isto é mais no começo, assim que apresento o jogo eu deixo eles trabalharem livre. Blocos lógicos, dominós educativos, jogos de boliche de garrafa tipo pet.

12- Você utiliza os RCNEI?

R: *Eu considero que sim, claro que tudo assim, depois nós vamos adaptando. Tem a parte antiga, conservadora e tudo e a parte atual, então a gente procura adaptar aquilo que era bom e o que é bom atualmente fazendo esta mistura. Fui apresentada na escola aos Referenciais e na faculdade também trabalhei, não tudo, mas debatíamos sobre o assunto.*